FOME

Desespero
Em Fortaleza, a falta de alimento leva seres humanos a disputarem comida com os ratos em meio ao lixo

UM PAÍS EM ESTADO DE BARBÁRIE

Jair Bolsonaro pratica uma abjeta política de extermínio de pobres e condena o Brasil ao seu maior ciclo de miséria e sofrimento desde o século passado. Cerca de 20 milhões de pessoas no País estão famintas, buscando o que comer entre restos, e o governo não faz nada para minorar essa tragédia

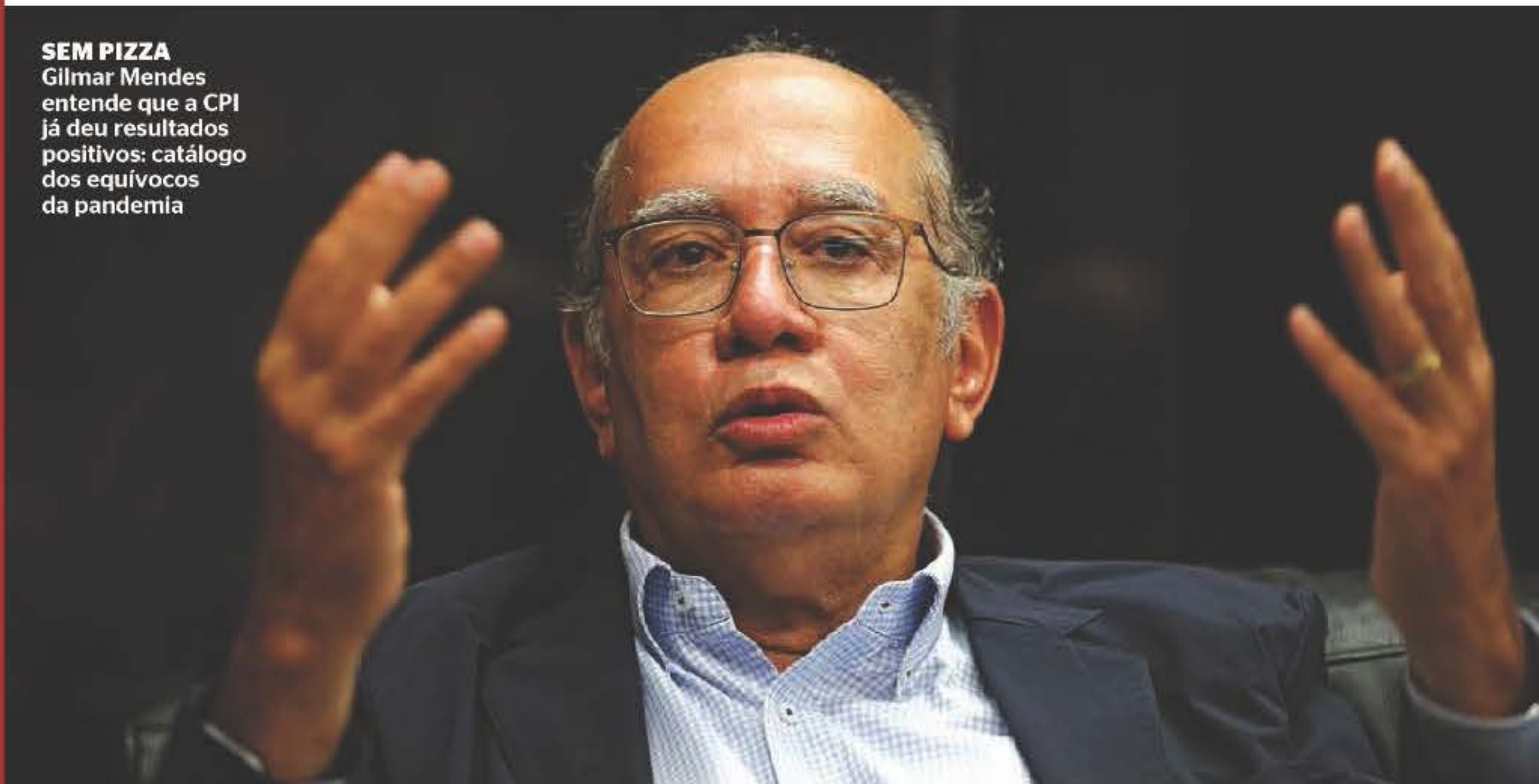
ENTREVISTA

GILMAR MENDES

Ministro do Supremo Tribunal Federal

Novo decano do STF, posto atribuído ao ministro mais longevo em atividade na Corte, Gilmar Mendes, 65, é um dos mais combativos juízes em relação aos equívocos que teriam sido praticados pela Lava Jato, e que levaram a erros processuais cometidos pelos magistrados do Paraná. Sem papas na língua, ele diz que a operação agia irregularmente, com práticas semelhantes às do crime organizado. "A Lava Jato despontou em Curitiba como se fosse um esquadrão da morte", disse nesta entrevista exclusiva à ISTOÉ. Ele se mostrou indignado também com a gestão do governo Bolsonaro no combate à pandemia, responsabilizando o presidente e seu ex-ministro da Saúde pela tragédia que o País enfrenta. "Dificilmente vamos ter um gestor tão inepto e desastrado como foi o general Pazuello." Segundo ele, muitas mortes poderiam ter sido evitadas se o governo tivesse seguido a ciência e não recomendasse remédios ineficazes. Mendes elogiou ainda o trabalho da CPI da Covid e esquivou-se de repetir a expressão de que Bolsonaro foi genocida na Saúde, conforme disse em live à ISTOÉ no ano passado, o que gerou muita polêmica à época. "O desastre é inegável (gestão de Bolsonaro), mas agora esse assunto cabe à CPI debater junto à PGR."

Por Germano Oliveira

SEM PIZZA
Gilmar Mendes entende que a CPI já deu resultados positivos: catálogo dos equívocos da pandemia

"A LAVA JATO AGIA COMO SE FOSSE UM ESQUADRÃO DA MORTE"

FOTOS: PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS; RODRIGO PAIVA/GETTY IMAGES/AFP

"Dificilmente vamos ter um gestor tão inepto e tão desastrado como foi o general Pazuello na área da Saúde"

O senhor entende que Bolsonaro extrapolou nos ataques a ministros do STF?

O ministro Dias Toffoli, à época presidente do STF, deu uma resposta adequada em 2019, quando instalou o inquérito das fake news. Não é à toa que a abertura desse inquérito foi ratificada pelo tribunal. Esse inquérito deu a base para as reações que tivemos e que permitiram uma defesa adequada da Corte e da democracia. Acho que se tentou usar a Corte como bode expiatório dessa crise e dar a ela um problema de má governança a ser resolvido. O desastre da política sanitária do governo nada teve a ver com o tribunal. O STF disse sempre que um sistema tripartite de União, estados e municípios deveria ser coordenado. Mas se a União não atuava, estados e municípios não poderiam ficar impedidos de atuar. Tenho a impressão de que, no jogo político, se estava atrás de um bode expiatório e o STF, talvez, fosse um vistoso bode para explicar a falência de uma política pública negacionista.

Ainda há risco de golpe no Brasil?

Não me parece. Isto está bastante fora do contexto da realidade. Vocês da imprensa falam em golpe. Você já viveu a censura prévia, certo. Vai se estabelecer a censura como houve nos anos de 1970? Vai se restringir o habeas corpus? Vai se fechar o Congresso? Vai se fechar o STF com um soldado e um cabo? Vai se substituir os governadores eleitos? O País é muito complexo. Já é difícil administrar o Brasil dentro das regras democráticas. Me parece que isso não faz nenhum sentido a não ser para aterrorizar as pessoas. Essas pessoas que gritam nas ruas "saudade da ditadura" ou "no regime militar não tinha corrupção" não têm noção histórica do que foi o regime militar.

No Fórum Jurídico de Lisboa, que será promovido em Portugal no mês que vem pelo IDP, autoridades de todo o mundo discutirão os graves problemas que a pandemia causou nos campos social e econômico?

Discutiremos todos os aspectos dessa tragédia. Como sabemos, o mundo também está discutindo hoje uma perspectiva de reconstrução com verbas e esforços especiais, tanto na Europa como nos EUA. Certamente, haverá um debate sobre o que acontece aqui no Brasil, em relação à reconstrução. O que entendo ter sido grave no Brasil foi a confusão em termos de gestão, dos desacertos e da falta de coordenação. Esse "bate-cabeça" entre a administração federal e as demais administrações levou a inúmeros conflitos e, ao fim, resultou em mortes. Afinal, causou perplexidade o fato de alguém recomendar um tipo de conduta e outro propor um tratamento que depois se provou ineficaz. É óbvio que isso teria consequências.

Mortes poderiam ter sido evitadas?

Poderíamos ter reduzido em muito o impacto da pandemia. Depois, havia essa disputa que ficou muito politizada e até partidarizada em torno do dilema: a economia ou a saúde. E vimos que se não se resolve o problema da saúde e não se resolve o problema da economia de forma isolada. Esse também foi um aprendizado. Felizmente, temos a vacina, avançamos e a população está muito consciente. Hoje, estamos com 100 milhões de vacinados, portanto, metade da população está imunizada. Avançou-se nisso e acredito que conseguimos reduzir os impactos da doença e na economia.

O maior erro foi ter recomendado remédios ineficazes?

De fato, houve essa politização no Ministério da Saúde. Quatro ministros em menos de três anos, com todos esses desacertos e uma dificuldade imensa de gestão. Felizmente, o SUS funcionou a despeito da cabeça do sistema estar falhando. O sistema SUS, como todos sabem, é um sistema tripartite em que se tem uma integração da União, estados e municípios. E a União, que deveria ser o órgão de coordenação, acabou sendo esse ente vacilante e perplexo.

O senhor acredita que Bolsonaro tenha responsabilidade pessoal nessa tragédia?

Não vou fazer esse tipo de análise. O Ministério Público é que deve fazer juízo sobre os subsídios e eventualmente abrir as investigações. Acho que isso tudo contribuirá para uma eventual análise de responsabilidade judicial e eventual responsabilização política, mas também tem a avaliação histórica. Considerando todas as perplexidades que tivemos, um verdadeiro caos, é impossível não nos referirmos à gestão do general Pazuello. Dificilmente vamos ter um gestor tão inepto, tão desastrado como foi o general da área da Saúde.

Bolsonaro teve participação nessa gestão inepta?

Talvez o Poder Executivo Federal tenha carregado na politização de temas que, ao fim e ao cabo, eram de saúde pública e exigiam boa governança. Ao mesmo tempo, em todas as esferas, fez falta a atuação de gestores responsáveis. Qualquer pessoa com algum grau de discernimento que assumisse >>

uma função de peso e que recebesse uma ordem que violasse os princípios do sistema deveria fazer um juízo crítico sobre as determinações ou eventualmente pedir para sair.

O senhor foi o primeiro a trazer o tema do genocídio do governo Bolsonaro na pandemia à discussão. Concorda com isso hoje?

Acho que a CPI vai colocar o tema em debate junto à PGR. De imediato, o desastre é inegável, já que tivemos um quadro de mortalidade que poderia ter sido reduzido se nós tivéssemos tido gestão adequada do setor e não tivéssemos vendido ilusões com placebos e cloroquina. Acabamos até esquecendo, mas veja o quadro da tragédia de Manaus, onde faltou oxigênio e as pessoas morreram asfixiadas. Lá, havia uma equipe do Ministério da Saúde levando esse tratamento precoce. Tudo isso foi lamentável.

O que achou dos crimes que a CPI imputa ao presidente?

Não vou emitir juízo sobre isso. Até porque daqui a pouco o tema pode parar no Supremo. O destino do relatório é exatamente o Ministério Público, que vai fazer a avaliação e também determinar outras investigações que autonomamente estão sendo desenvolvidas pela PGR. Estou mais interessado, nesse momento, é com as lições que a gente pode tirar dessa crise. O que fazer institucionalmente para que isso não se repita?

O senhor acredita que a CPI pode acabar em pizza?

Não vejo que isso venha a ocorrer. Até porque, ela já produziu resultados. O impacto que ela teve na comunidade, as verificações que foram feitas e as revelações que estão sendo sistematizadas não nos levam a crer que nada acontecerá. A CPI sistematizou o que aconteceu e qualquer estudioso que queira saber como foi esse período trágico poderá se debruçar sobre o relatório da CPI. Independentemente de punição, acho que a CPI já produziu resultados. A comissão contribuiu para que os esforços da vacinação não fossem descontinuados.

A PEC que tratava das mudanças do MP, rejeitada na Câmara, poderia dar poder para os políticos interferirem nas investigações?

Não vejo que isso estivesse em jogo. Não acredito que alguém pretenda coibir a autonomia do MP. O que estava se discutindo é a funcionalidade ou desfuncionalidade do Conselho do MP. Quando foi criado, o CNMP era para ser um órgão de controle externo, que tivesse representantes da sociedade e do Parlamento para se ter uma avaliação e, eventualmente, corrigir excessos do MP. O Estado de Direito não comporta soberanos e os dados que estão sendo revelados é que esse órgão, sobretudo, tem se revelado pouco efetivo.

Dizem que o projeto de revisão do CNMP teria sido criado por sua causa. Deltan Dallagnol deve ser punido?

Nada a ver, nada disso. A Lava Jato despontou em Curitiba como se fosse um esquadrão da morte. Um tipo de justiçamento. E aqueles que pudessem obstaculizá-lo eram atingidos. Havia um conluio com a Receita Federal, com a PF e coisas do tipo que foram amplamente reveladas. O meu caso é irrelevante. Eles decidiram instaurar um procedimento de investigação junto à Receita. O chefe dessa operação era um consultor da Lava Jato do Rio, Marcos Aurélio Carnal, que foi preso por corrupção e que estava achacando. Então, se nota que isso, na verdade, estava muito próximo de um esquadrão da morte.

Como assim?

Lembre que o esquadrão da morte tinha funções decantadas de repressão ao crime, mas se aproveitava disso e fazia dinheiro. Vimos que o Moro, quando veio para o Ministério da Justiça, trouxe como chefe do Coaf o Roberto Leonel, que era o chefe da Receita em Curitiba e que, aparentemente, fazia essas investigações irregulares. Quando a procuradora-geral, Raquel Dodge, quis encerrar a tal Fundação Dallagnol, ela sabia o que estava fazendo. Agora, ao encerrar a força-tarefa, o procurador Aras certamente organizou uma fuga para frente. Não quis fazer essa investigação. É melhor que isso se encerre.

A demora do Senado para marcar a sabatina de André Mendonça enfraquece o STF?

É uma questão política e tem a ver com a crise entre o Executivo e o Senado. Não vejo como isto reflita no Supremo. Entendo que essa questão política precisa ser decifrada nessa perspectiva. O STF não é protagonista dessa crise.

> "Bolsonaro tentou usar a Corte como bode expiatório dessa crise. O desastre da política sanitária do governo nada tem a ver com o STF"

Acha que a questão religiosa está dificultando a sabatina?

Tenho a impressão de que Mendonça reúne os predicados. Apresentou os seus títulos, atuou na Advocacia-Geral da União e tem qualificações acadêmicas. Não vejo por que o debate deva ser levado para esse campo religioso. Até onde os meus olhos são capazes de alcançar, o que eu vejo é uma crise de falta de articulação política, que é inédita. ■

FOTO: EVARISTO SÁ/AFP

Editorial

O PRONTUÁRIO

Vergado em lágrimas, destroçado por uma dor dilacerante que não cessa, apelando por compaixão frente ao sofrimento que lhe rasgou a alma, o taxista Marcio Antônio Nascimento expunha a razão do desespero, pela primeira vez em público diante das câmeras, na segunda-feira 18, ante a CPI da Covid que concluía os trabalhos: "o último momento que eu tive com meu filho, que eu fui reconhecer, ele estava dentro do saco. Eu não pude dar um abraço, não pude dar o último beijo. Cheguei a levar uma roupa para vesti-lo. Não consegui. A minha dor não é mimimi". Não havia como não se condoer com a cena. A própria tradutora de libras, presente ao momento, travou, teve de parar o trabalho para se recompor diante do que assistia. Ninguém, em pleno controle das faculdades mentais, normal e civilizado, ficaria impassível ao ouvir tão angustiante depoimento. O filho de Márcio, Hugo Dutra Nascimento, de 25 anos, entrou para o rol das mais de 600 mil vítimas da pandemia no Brasil. E o pai, Márcio, visivelmente atordoado, alquebrado pela saudade sem fim, reclamava do deboche presidencial com os óbitos e exigia um pedido de desculpas do mandatário Bolsonaro. Algo simples, absolutamente justificável, mas que não encontraria eco ou resposta nos salões envidraçados do Planalto, logo ali perto, a poucos metros de onde relatava seu calvário. Foram seguidos e inúmeros os apelos no mesmo sentido, proferidos nos testemunhos de parentes órfãos convidados à sessão. Em vão. O inquilino do Palácio, que em dado momento fora capaz de imitar moribundos em agonia com falta de ar, nunca manifestou qualquer gesto de empatia ou amparo por aqueles que não resistiram à doença. Ao contrário. Em tom de irritação com as cobranças, o "mito" Bolsonaro, em determinada ocasião, chegou mesmo a tripudiar de viva voz, aos berros no microfone, criticando sem dó os tomados por essa tragédia em escala. "Vocês não ficaram em casa? Não se acovardaram? Chega de frescura, de mimimi. Vão ficar chorando até quando?". Em que grau de maldade pode ser classificada uma declaração como essa diante do imenso martírio e aflição que destruíram famílias, lares, amigos, conhecidos, objetivos de vida? A dimensão da patologia implícita no comportamento do mandatário é típica dos loucos inconsequentes internados em manicômios. Jamais de um chefe de Nação. Jair Bolsonaro, todos sabem e acompanharam, fez ainda mais e pior. Patrocinou mortes em escala, não apenas com o seu negacionismo, mas com ações efetivas de incitação ao tumulto, de promoção de drogas ineficazes (fatais em muitos casos), de pregação contra o uso de máscaras, de inconsequência e descaso na compra atrasada de vacinas, de pouco caso e demora deliberada no fornecimento de oxigênio em resposta à tragédia de Manaus, que também redundou em óbitos (milhares deles) e com toda sorte de irresponsabilidades, natas de quem jamais esteve preocupado com o assunto. Kits de exames de covid apodreceram até o vencimento nos galpões do governo, sem distribuição, apesar da necessidade vital de seu uso nas unidades de emergência. Equipamentos e medicamentos também deixaram de ser fornecidos em escala suficiente na rede do SUS, e mesmo a verba de bilhões de reais, aprovada e reservada no or-

FOTOS: BRUNA PRADO/AP PHOTO; EDILSON RODRIGUES/AGÊNCIA SENADO

Carlos José Marques, *diretor editorial*

DE MALDADES

çamento pelo Congresso para o combate à doença, sequer foi destinada para esse fim. Tamanha coletânea de imprudências evidencia o pendor do presidente para o morticínio. Devido a uma filigrana jurídica, os responsáveis pela Comissão de Inquérito do Congresso, que apura as práticas irregulares durante a pandemia e pediu o indiciamento do mandatário e de mais 60 envolvidos, resolveram de última hora retirar do relatório as acusações de genocídio e homicídio que lhe eram originalmente atribuídas. O acordão político nesse sentido tomava por base o fato de os tribunais raramente aceitarem condenações por genocídio, dada a difícil tipificação dele. O termo surgiu pela primeira vez no Tribunal de Nuremberg, que julgou nazistas pelas atrocidades do Holocausto durante a 2ª Grande Guerra e, na ocasião, mesmo frente aos evidentes fatos, os acusados foram punidos apenas por crimes contra a humanidade. Na convenção das Nações Unidas de 1948 – também subscrita pelo Brasil –, o genocídio é caracterizado como "uma série de atos cometidos com a intenção de destruir, no todo ou em parte, grupo nacional, étnico, racial ou religioso". O conjunto da obra de destruição do "mito" Messias, ao menos aos olhos da imensa maioria da população brasileira, parece apontar nessa direção. A parvoíce e absoluta petulância do presidente não podem lhe reservar o direito de sair impune após as conclusões da Comissão. Pelo código penal, as denúncias imputadas a Bolsonaro somariam, caso referendadas no campo jurídico, ao menos 40 anos de prisão. Seu filho e senador, Flávio Bolsonaro, diante do resultado e da leitura do relatório final, debochou insolentemente e disse que o pai daria gargalhadas quando comunicado das conclusões.

Dito e feito. O capitão, movido pela empáfia e prepotência que lhes são peculiares, reagiu jocosamente. Perguntado a respeito, disparou: "você acha que vou me preocupar com CPI? Tá de brincadeira". São cenas repugnantes de um governo errático. A orfandade em massa de famílias brasileiras merece mais respeito e a devida responsabilização legal pelas imprudências cometidas. O presidente que afrontou à Constituição, prevaricou descaradamente e vilipendiou as tarefas que eram natas do seu cargo terá de responder pelos erros. No fundo sabe dos riscos que lhe pesam sobre a cabeça daqui por diante. Mesmo em Cortes internacionais ele já foi arrolado em processos como homicida. Um predador abjeto, que vê cada cidadão como mero eleitor para lhe garantir mandato, pode não ter qualquer complacência para com os semelhantes, mas, cedo ou tarde, pagará o preço por tanto desaforo. Márcio, o taxista inconformado, que em seu pungente depoimento representou a angústia de milhões, lembrou a razão dessa luta: "a gente está falando de vidas, de pessoas que morreram, sabe? Quem fala que é circo é porque não se importa com as pessoas que morreram. Então, eles são os verdadeiros palhaços, não somos nós. Desculpem. A dor continua por tudo que veio depois. Por cada deboche, cada sorriso, cada ironia". Como Márcio, tantos outros brasileiros dão rosto a essa tenebrosa catástrofe. Não são meros números, estatísticas. Não deveriam ouvir simplesmente o "E daí? Morreu? É da vida". Agride, machuca, dilacera, barbariza. Apenas monstros agem assim. ■

por Vicente Vilardaga

Editor de Comportamento de ISTOÉ

AOS NAZISTAS, O ESGOTO DA HISTÓRIA

Jair Bolsonaro é um homem perdido em pensamentos delirantes. Na sua ânsia de destruir o pouco de bom que existe no País, ele ainda acha que governa, que tem alguma utilidade, que não é nazista. Sabe-se lá como sua mente maligna se formou, mas o fato é que dela não sai nada a não ser a destruição de direitos humanos, civis, de minorias e da maioria, a substituição da transparência pela obscuridade e todo tipo de ataque à democracia e de desvio autoritário. Se governa alguma coisa é só os brasileiros em direção ao precipício. Seu objetivo é calar cada uma das pessoas que não pensam como ele. Quer que todos sejam engolidos pelo esgoto onde fermenta sua ideologia de extrema-direita. Quanto à turma que o segue, se sente ofendida por qualquer coisa. São sensíveis, procuram briga. Alimentam o ódio e quando tratados na mesma medida esperneiam e perdem a estribeira. É o homem de bem que, de repente, explode em um ataque racista ou classista e exibe uma arma de fogo.

Alguma coisa no fundo da mente de Bolsonaro o faz acreditar que ele vencerá sua disputa com os brasileiros decentes. Seus seguidores vão na mesma toada, achando que são virtuosos, num aterrorizante movimento messiânico, como o que envolveu o III Reich. Não passam de um bando de alucinados, um protótipo de SS, gente sem empatia e que odeia pobres e minorias mais do que tudo. Bolsonaro é um anticristo que veio para combater o amor, espantar o alto astral e eliminar qualquer chance de redução da desigualdade social no Brasil. O negócio do governo é manter uma estrutura colonial, arcaica, recuperando, a escravidão e perseguindo os oprimidos. Mas há sinais de que eles não se darão nada bem. Ninguém mais aguenta Bolsonaro. Todas as famílias brasileiras estão contando seus mortos. O destino do presidente é uma derrota humilhante na eleição que se avizinha. Se agora parecemos forçosamente mergulhados na elucubração de uma déspota, o futuro promete ser de libertação.

Bolsonaro é um anticristo que veio para combater o amor, espantar o alto astral e eliminar qualquer chance de redução da desigualdade social no País

Vivemos num transe macabro que felizmente está mais próximo de acabar. O ovo da serpente se abriu, mas as instituições democráticas brasileiras têm uma pinça para capturar cobras. Os resultados da CPI da Covid são acachapantes e atestam que Bolsonaro agiu contra a humanidade e adotou métodos totalitários. Logo, ele será condenado pelos crimes que cometeu durante a pandemia. A nau sem rumo em que colocou a Nação não descambará para o radicalismo de direita. Bolsonaro será varrido do poder nas próximas eleições por algum sujeito melhor do que ele, o que não será difícil de encontrar.

O QUE É UM "NFT"?

Imagine que está em França, no Louvre, querendo tirar uma foto do quadro da Mona Lisa. Dá dois passos em frente, tira 100 japas do caminho, se chega ao cordão vermelho que protege a dona Lisa, conecta o zoom do celular – a tela é mesmo pequena, pô ! – foca através do vidro antibala e dispara: "Click". Depois você gira a câmara e consegue aquela "selfie" mística – os dois juntos com a obra prima do mestre Leonardo decorando o sorriso mais especial do mundo. Afinal ela acabou de ser pedida em casamento, em Paris, a cidade do "amour". E como pano de fundo, a "Gioconda" um dos grandes símbolos do amor ocidental.

Em seguida ela lhe devolve o carinho num abraço tão apertado que você tropeça e cai em cima da área restrita da pintura do mestre e derrama o suco de laranja que contrabandeou sem ninguém ver para dentro do museu em cima de um casaco rark de pele de marta anã da Sibéria - faz frio em Paris nesta

Uma câmara de segurança no teto do museu grava toda a cena – para reprodução global – com a autorização que você deu automaticamente na compra do ingresso

por José Manuel Diogo

Escritor

época do ano. Disfarçado dentro dele está Bono Vox, o vocalista dos U2, visitando em segredo o museu junto com a sua nova namorada, uma conhecida jovem estrela da política brasileira.

Ele grita. – Merde! – todos se olham, mas ninguém entende o que está acontecendo. Você não sabe onde se meter, mas o cantor e a menina também não. Logo se percebe que a merda não é por causa do seu sumo – era mesmo o calor de uma discussão, *with or without you* que o par de famosos estava tendo nas barbas da Mona. No meio da zona chegam os seguranças do Louvre e levam embora o casal VIP. No meio de campo, sem reparar que a parte do sumo que falhou a marta estava molhando o chão, um desses turistas japas, um muito gordão, escorrega e cai, atingindo com estrondo a parede onde a Mona Lisa estava pendurada, fazendo-a cair. Tocam os alarmes, se incendeiam as sereias, caem as janelas automáticas e as portas blindadas, tudo se fechando, criando um cenário de pânico, muito barulho vermelho e azul dando voltas na cabeça dos presentes. Uma câmara de segurança no teto do Museu grava toda a cena com a autorização de reprodução global que você deu automaticamente na compra do ingresso. Quando o Museu vender essa cena, editada, no mercado digital global e encriptada na tecnologia blockchain; ela será um momento único, irrepetível e perpétuo. Que apenas uma pessoa pode possuir, exibir e vender. Quer comprar? É o tal do "NFT" de que todos estão falando. *Nota; NFT, do inglês, Non Fungible Token*

por Marco Antonio Villa

Historiador

BOLSONARO E A EXTREMA DIREITA

A extrema-direita brasileira veio para ficar. Nada indica que seja um fenômeno passageiro. Pelo contrário, sempre esteve presente nas bordas do sistema político. Não era levada a sério, era motivo de riso e de desprezo. Eventualmente obtinha algum êxito eleitoral, mas em momento algum ditou os rumos do País, de um estado ou, sequer, de um município.

Os acontecimentos da segunda década deste século permitiram que o que era considerado uma excrescência se transformasse em um ator importante na cena política. Vale ressaltar que o extremismo nativo tem tinturas de nazifascismo combinado com o velho reacionarismo brasileiro. Em meio ao processo, que nasceu nas ruas, do impeachment de Dilma Rousseff, os extremistas, de forma oportunista, entraram no vácuo e ocuparam um espaço que não era deles. E isto ficou claro quando das eleições de 2018 acabaram sendo eleitos parlamentares de extrema-direita em quantidade nunca vista na história republicana.

Tudo indica que nas próximas eleições deverá ocorrer uma sensível alteração na composição dos parlamentos, especialmente. E o espaço da extrema-direita estará bem reduzido. O voto de protesto, em 2018, acabou sendo canalizado para candidaturas que, sob a capa democrática, ocultavam a perspectiva reacionária. O fracasso, neste ano, das mobilizações bolsonaristas, demonstraram que a tendência é de acentuada diminuição da extrema-direita no primeiro plano da cena política. O desgaste do governo Bolsonaro colabora, em muito, para isso. Mas o agravamento da crise econômica é um importante fator. Deve também ser recordado que o extremismo não conseguiu produzir intelectuais orgânicos e estruturas permanentes de intervenção, como partidos e organizações de massa. A ação da extrema-direita, neste sentido, sem organização e planejamento, apontou

O voto de protesto, em 2018, acabou sendo canalizado para candidaturas que, sob a capa democrática, ocultavam a perspectiva reacionária

para um esgotamento das mobilizações. Não se imagina que até, no mínimo, o início do processo eleitoral de 2022, possa ocorrer manifestações tais quais as de Sete de Setembro. É provável que os extremistas concentrem sua atuação na construção de candidaturas que possam manter o espaço que conquistaram em 2018. Nada indica que isso possa ocorrer. A tendência é um sensível enfraquecimento da extrema-direita, mas a sua permanência no processo político eleitoral como força política minoritária, e sempre perigosa ao Estado Democrático de Direito.

por Mariana Ferrari

Frases

“MESMO AS PESSOAS ME VENDO DIFERENTE, EU CONTINUO SENDO A MESMA”

REBECA ANDRADE, ginasta, sobre disputar um outro campeonato mundial depois de ganhar medalha de ouro nos Jogos Olímpicos

“Atacar uma religião é uma falta de respeito. Coisa de moleque mimado”

ALEXANDRE FROTA, deputado federal, criticando a fala do deputado Frederico D'Ávila, que chamou o papa Francisco de “pedófilo safado”

“A LEGALIZAÇÃO DE TODAS AS DROGAS É A ÚNICA SOLUÇÃO”

JUAN MANUEL SANTOS, Nobel da Paz e ex-presidente da Colômbia, sobre o tráfico ilegal

“O cliente do sistema carcerário brasileiro é o preto, pobre, primário e preso por um crime sem violência”

AUGUSTO DE ARRUDA BOTELHO, advogado criminalista

“NÃO SOU CANDIDATA A NADA, MAS SOU UMA PESSOA POLÍTICA”

LUIZA TRAJANO, presidente do Conselho de Administração do Magazine Luiza

“QUERO AJUDAR A MATAR A MORTE”

BORIS FAUSTO, historiador e cientista político, ao dizer que em 2022 votará no candidato que estiver disposto a pôr fim à necropolítica

FOTOS: JAMIE SQUIRE/GETTY IMAGES; RAUL ARBOLEDA/AFP; MAURO PIMENTEL/AFP; DIVULGAÇÃO; @ESTUDIOTEREZAEARYANNE/INSTAGRAM

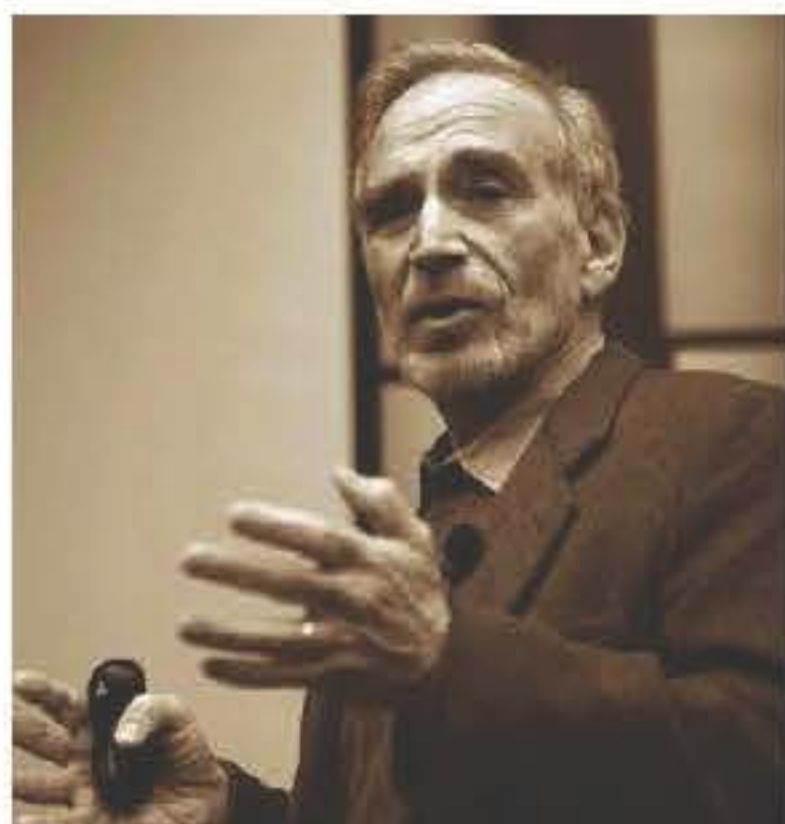
“Sim, eu tenho dismorfia corporal e muitas inseguranças profundas com a minha aparência”

MEGAN FOX, atriz

“NÃO FAZ SENTIDO ESPERAR QUE O OUTRO SEJA SOMENTE LUZ. EU NÃO SOU E VOCÊ TAMBÉM NÃO O É”

PADRE FÁBIO DE MELO

“ESTAMOS NO COMEÇO DO FIM DA SUPREMACIA MASCULINA”

MELVIN KONNER, neurocientista e antropólogo norte-americano. Em seu novo livro, ele afirma que as mulheres têm superioridade biológica em relação aos homens

“Jair Bolsonaro se acha dono da Petrobras”

ROBERTO CASTELLO BRANCO, economista e ex-presidente da Petrobras

“DEPOIS QUE SE PUBLICA NO INSTAGRAM, NÃO TEM COMO VOLTAR ATRÁS”

TATYLOR JENKINS REID, escritora norte-americana

“DESEJO CONTINUAR ME DIVERTINDO”

RAYSSA LEAL, skatista e medalhista olímpica, explicando o seus projetos como atleta

“Há uma luz no fim do túnel”

MARGARETH DALCOLMO, pneumologista, elogiando o avanço da vacinação contra a Covid-19

“A MANIFESTAÇÃO DE RUA É A MAIS FORTE REAÇÃO POPULAR QUE EXISTE”

FAFÁ DE BELÉM, cantora

por Germano Oliveira

Colaboraram: Marcos Strecker, Ricardo Chapola e Eudes Lima

Brasil Confidencial

SÓ POR DEUS O pastor Mendonça espera não morrer abraçado com Bolsonaro na disputa pela vaga no STF: reza para o Senado destravar a sabatina

Religião no STF

Nos bastidores do Supremo Tribunal Federal, muitos ministros acreditam que **André Mendonça** ainda não dançou e que ele respira por aparelhos, podendo sobreviver ao massacre que Davi Alcolumbre está promovendo contra ele, com a recusa em marcar a sabatina. Ministros mais ligados à Lava Jato e, claro, o bolsonarista Kássio Nunes Marques apostam que o ex-AGU ainda vai emplacar. Outros, contudo, como o ministro Gilmar Mendes, o novo decano, não o querem. Preferem Aras, 60, para a vaga, o que, aliás, é o desejo do senador do Amapá, "dono" da CCJ. O maior entrave para o indicado de **Jair Bolsonaro** é o fato de ele ser "terrivelmente evangélico". Alcolumbre desdenha, e a maioria do STF entende que o Estado laico deveria prevalecer. Luís Fux acredita que ele tem chances.

Trama

O que inviabiliza, então, a sabatina? Comenta-se que Davi pede algo em troca, que Bolsonaro não está disposto a dar. Mais verbas do orçamento não deve ser, porque ele é o que mais recebeu. Dizem que ele sempre quis ser ministro e o presidente nunca cedeu. Agora, isso não importa mais. Será candidato à reeleição e só quer "apoio" do Planalto.

Pastores

Nada, porém, é mais forte do que o aspecto religioso. Bolsonaro errou feio ao dizer que desejava uma "bancada da Bíblia" no tribunal. Falava que se fosse reeleito teria outras duas vagas para 2023 (Rosa e Lewandowski se aposentam). Por isso, evangélicos têm feito romarias a Brasília, com a faca nos dentes. Davi diz que não teme ameaças. Será?

A grita dos governadores

A Câmara aprovou, a toque de caixa, projeto de lei que reduz o ICMS dos combustíveis em até 7%. Bolsonaro quer fazer bondades com o chapéu alheio. A proposta, que ainda precisa passar no Senado, reduzirá a arrecadação em R$ 90 bilhões, R$ 31 bilhões dos quais sairão dos cofres dos estados. Wellington Dias (PT-PI), coordenador da frente dos governadores, já anunciou que os 26 estados entrarão no STF.

RÁPIDAS

* Os brasileiros estão desgostosos com Bolsonaro e fogem do Brasil, principalmente em direção aos EUA. Somente este ano, 46 mil brasileiros foram presos na fronteira do México tentando imigrar ilegalmente para o país de Biden. Esse número é o maior em dez anos.

*** Os EUA não querem papo com Bolsonaro. O secretário de Estado, Antony Blinken, fez um giro pela América Latina e se recusou a visitar o Brasil. Esteve no Equador e na Colômbia. O brasileiro é considerado "tóxico".**

* Baleia Rossi, presidente do MDB, ficou 20 dias de "molho" após uma cirurgia para retirar um tumor benigno no quadril, mas o celular não parou: alguns querem arrastá-lo para os braços de Lula, mas ele não quer. Prefere Doria.

*** O senador Alvaro Dias (Podemos-PR) pensava em pendurar as chuteiras, depois de mais de 30 anos no Congresso, mas mandou mensagem aos eleitores no último final de semana informando que deverá tentar um novo mandato.**

FOTOS: IGO ESTRELA/METRÓPOLES; KEINY ANDRADE/FOLHAPRESS; JEFFERSON RUDY/AGÊNCIA SENADO; GABRIEL INAMINE/PREFEITURA DE SÃO BERNARDO DO CAMPO; PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS; DIVULGAÇÃO

RETRATO FALADO

"Papo para boi dormir"

***Omar Aziz**, presidente da CPI da Covid, ficou furioso ao ler na imprensa trechos do relatório final da comissão elaborado por Renan Calheiros e pediu o adiamento da sessão que votaria o documento na última quarta-feira, 20, remarcando a data para esta terça-feira, 26. "A história de que o vazamento contribuiria para o debate é papo para boi dormir." Aziz pediu que fosse amenizado. Assim, Bolsonaro acabou sendo indiciado por 9 crimes, e não mais por 11, entre eles, genocídio e homicídio, como queria Renan.*

TOMA LÁ DÁ CÁ

ORLANDO MORANDO,
PREFEITO DE SÃO BERNARDO DO CAMPO

Como vê as prévias para presidente que o PSDB organiza para dia 23 de novembro?
Com serenidade. É uma disputa saudável para o partido. Doria tem vantagem pelo apoio do maior número de prefeitos, parlamentares e filiados do País, porém, sempre respeitando nosso concorrente.

Essa vantagem se deve ao fato de ele governar o estado mais importante do País?
É natural. Tanto que já tivemos alguns governadores de São Paulo que representaram o partido na eleição presidencial.

Qual é a estratégia que o PSDB deve adotar na eleição presidencial de 2022?
A população buscará uma nova opção para administrar o País, que não é o petismo e nem o bolsonarismo. Doria teve a coragem de enfrentar um presidente negacionista e tem a marca de ser forte adversário do PT.

Safra menor

Não serão apenas os brasileiros que vivem em miséria no governo Bolsonaro que passarão fome no ano que vem. A classe média também vai penar para ter comida na mesa. E foi o presidente quem fez essa advertência: em 2022, faltarão fertilizantes para os agricultores plantarem a próxima safra, especialmente de milho, essencial para a produção de óleos e rações para animais. Ou seja, além de faltar alimentos básicos, os preços da comida terão preços muito salgados. Para o pobre, então, os alimentos ficarão inacessíveis. É que a matéria-prima dos fertilizantes, como fósforo, potássio e ureia, é importada e os países produtores vão jogar os preços nas alturas em razão da explosão da demanda.

Made in China

Um dos maiores produtores de fertilizantes é a China, que também vai plantar mais e já disse que vai sobrar pouco para vender aos outros países. No caso do potássio, o maior produtor mundial é Belarus, que enfrenta problemas internos em razão de sanções econômicas impostas pela União Europeia.

O fator PSD

O PSD de **Gilberto Kassab** pode virar o fiel da balança em 2022. Tem 11 senadores, 35 deputados, 654 prefeitos e um fundo partidário de R$ 157,1 milhões. Mas ele quer mais: deseja ter Pacheco disputando a presidência e ficar forte para negociar no segundo turno: com Lula, as conversas estão adiantadas, mas se der Bolsonaro, Fábio Faria fará a ponte.

De olho no futuro

O partido quer ter ainda palanques fortes nos estados para eleger ao menos 66 deputados e obter mais dinheiro para as eleições de 2024 e 2026. Deseja fazer ainda uns 5 ou 6 governadores. Em SP, espera atrair Alckmin. No RJ, pode lançar o prefeito Paes. Em MG, conta com o prefeito Kalil, enquanto que no PR acredita que Ratinho Jr. se reelegerá.

Das telinhas da TV para as urnas do TSE

O apresentador Datena (PSL), da Band, voltou a dizer que será candidato a presidente e, por isso, vai deixar seus programas na TV e rádio. Na mesma esteira, o ator José de Abreu vai dar um tempo na carreira e promete ser candidato a deputado pelo PT do Rio: se for eleito, vai ter que olhar de frente para a deputada Tábata Amaral (PSB), que ele ameaçou de morte e xingou.

Coluna do Mazzini

A MÁSCARA (DE JAIR) VAI CAIR

O presidente Jair Bolsonaro já ordenou há um mês ao ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, que derrube a Portaria nº 1.565, de 18 de junho de 2020, editada pelo então ministro Eduardo Pazuello, do uso obrigatório da máscara em locais públicos e fechados. O médico titular da pasta, a despeito da resistência, vai revogá-la em novembro – mesmo com estudos de técnicos que mostram os riscos para a população. O que se espera nas ruas são milhões de brasileiros sem o adereço que lhes protege do coronavírus (a chamada variante Delta circula forte nas capitais e já mata milhares na Ásia). Até essa semana, cerca de 72% dos brasileiros (mais de 152 milhões de pessoas) foram vacinados com uma dose, e 52% (perto de 110 milhões) com a segunda dose das vacinas. Índices muito baixos para um Brasil de 213 milhões de habitantes, cujo governo acha que está tudo às maravilhas. A subchefia de assuntos jurídicos do Palácio e a AGU já têm uma petição de defesa, claro, esperando enxurrada de ações contra.

Bolsonaro ordenou e o ministro Queiroga vai liberar a população para circular sem uso obrigatório da máscara que protege contra o coronavírus

Mamãe gosta é de voar, e muito!

A senadora neófita Eliane Nogueira (Progressistas-PI), mãe e suplente do todo-poderoso Ciro Nogueira, chefe da Casa Civil do Governo, gasta parte considerável do orçamento do gabinete com... combustível de aviação. E pelo notório, não gosta de frequentar a apertada sala de embarque do Aeroporto de Teresina. Em setembro, de acordo com os últimos dados disponíveis no portal da Transparência do Senado, a parlamentar apresentou quatro notas nos seguintes valores: R$ 7.508,03; R$ 6.960,45; R$ 6.012,62 e R$ 8.002,35. Somados, os gastos ultrapassam R$ 28 mil, apenas no mês de setembro. Ciro tem helicóptero e bimotor King Air à disposição.

Pagou? Vai receber

O ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, jura que pagou do bolso os custos de quase R$ 50 mil da "quarentena" de 14 dias que cumpriu depois de diagnosticado com Covid-19 em Nova York. Mesmo assim, Queiroga terá reembolso de diárias de US$ 460. As duas semanas vão render na conta perto de R$ 30 mil.

Fazenda de primo de Caiado na mira

Propriedade de Emival Caiado Filho, primo do governador de Goiás, Ronaldo Caiado, a Fazenda Santa Mônica, em Tocantins, está há mais de uma década na lista suja do Cadastro de Empregadores que submetem trabalhadores a condições análogas às de escravos. Os Caiado acusam perseguição do governo. E o Grupo Rialma alega que a atuação dos fiscais se deu "indubitavelmente por questões políticas". Também citam que "a questão em referência é objeto de ação judicial com boas expectativas de êxito". O Sindicato dos Auditores Fiscais do Trabalho informa que os donos tentaram liminar para retirá-la da lista suja.

FOTOS: PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS; MYKE SENA/MS; EDILSON RODRIGUES/AGÊNCIA SENADO

por Leandro Mazzini

Colaboraram: Walmor Parente e Carolina Freitas

A difícil missão do PDT com Ciro

Presidente do PDT, Carlos Lupi está convicto de que o presidenciável Ciro Gomes despontará como a terceira via na campanha eleitoral de 2022 - apesar da conhecida verborragia figadal. E admite ver coerência na postura de Ciro em relação ao PT. "Nossas diferenças são grandes, em relação ao PT, desde quando Brizola era vivo, principalmente por termos um projeto nacional e desenvolvimentista". O PDT procura aliados para uma coalizão, mas sabe da tamanha dificuldade. "Temos colocado nosso projeto nacional de desenvolvimento à disposição de quem quiser mudar os rumos de nosso País".

ONU cobra US$ 78 milhões do Brasil

O Brasil acumula dívida milionária com a ONU e pode perder o direito de voto caso não quite, até 31 de dezembro, US$ 78 milhões. O Itamaraty confirma que deve cerca de US$ 330 milhões. Em agosto, foram pagos US$ 27 milhões ao orçamento; e em setembro, US$ 4 milhões pelas missões de paz.

Os outros evangélicos

Com a indicação de André Mendonça para o STF se arrastando, dois nomes são opções de Bolsonaro, em caso de negativa na sabatina: Augusto Aras (que faz campanha) e o desembargador federal do Rio William Douglas. Como completou 65 anos no dia 9, o presidente do STJ, Humberto Martins, que era cotado, passou da idade "teto" para ser indicado.

Mourão no Agronegócio

Antonio Hamilton Rossell Mourão, tido como bom técnico dentro do Banco do Brasil, sofre por ser filho do vice-presidente do Brasil. Após transitar com desenvoltura na diretoria de Comunicação e Marketing por três anos, e provocar ciumeira, foi nomeado para a Diretoria de Agronegócio. Com a mesma "patente" e a mesma remuneração.

NOS BASTIDORES

Secretaria de Imprensa

Acostumada a ver de tudo, a Polícia do Rio está estupefata. Uma facção criminosa agora tem assessoria de imprensa. Usa advogado do bando para enviar manifestos a redações.

A cobertura mais cara

Uma cobertura gigante da família Guinle na Praia do Flamengo, Rio, emperrou na lista vip de catálogo. Pediam R$ 135 milhões, sem sucesso. O preço baixou para R$ 65 milhões. Continua sem interessados.

Um quarteto fanático

Steve Bannon, Olavo de Carvalho, Carlos Bolsonaro e desconhecido publicitário que já circula pelo Palácio do Planalto - conhecendo o jeito Jair de ser - formarão o quarteto de "marqueteiros" eleitorais do presidente para a disputa de 2022.

A Operação Diploma

Como o Ministério da Educação é uma mãe para donos de faculdades que viraram fábricas de diplomas, a fiscalização da farra agora está nas mãos de discretos procuradores do MPF. Vem uma limpa no setor.

HISTÓRIA

Vereadores de Nova York “expulsam” Thomas Jefferson

Faz mais de um século que a estátua de Thomas Jefferson, um dos fundadores dos EUA e seu terceiro presidente, está instalada na sala da diretoria da Câmara Municipal de Nova York. Na semana passada, uma comissão especial de vereadores aprovou por unanimidade a sua remoção, proposta por políticos democratas. Motivo: o principal autor da Declaração da Independência, em 1776, foi proprietário de seiscentos escravos – dentre eles viveu escravizada, por determinada época, a preta Sally Hemings, com quem Jefferson teve seis filhos. A estátua será transferida para a Sociedade Histórica de Nova York.

PASSADO E PRESENTE Estátua de Thomas Jefferson na Câmara de Nova York: dono de seiscentos escravos

ECONOMIA

A criptomoeda Maradona

O jogador Diego Maradona, um dos maiores craques e ídolos da história do futebol, faria 61 anos de idade no dia 30 de outubro (ele morreu em novembro do ano passado). Para homenageá-lo, será lançada na Argentina a criptomoeda denominada “Maradolar”, com o intuito inicial de atrair a economia informal para o universo criptográfico — e não há como negar que o seu nome ajuda a cumprir perfeitamente bem esse objetivo. O primeiro lote terá dez mil unidades não precificadas e não disponíveis nos sites de câmbio. O valor da criptomoeda será ditado, naturalmente, pelo mercado, a partir da elementar lei da oferta e demanda.

CAMPO FINANCEIRO Maradona: será craque no dinheiro digital?

37%

É o índice acumulado da inflação na Argentina ao longo de 2021 — e um dos maiores em todo o mundo

LIVROS

Respostas sobre o autoritarismo no Brasil

Diante do governo de Jair Bolsonaro, uma pergunta ecoa na mente daqueles que defendem a democracia: como o País chegou a esse lugar tão autoritário? O lançamento do livro “Fragmentos do tempo presente” (Aquilombô), da doutora em Ciências da Comunicação Rosane Borges, traz à luz artigos sobre o tema, com a finalidade de contribuir para o debate público e civilizatório – e, também, responder por que Bolsonaro conseguiu o mais alto mandato da Nação.

FUNDADOR
DOMINGO ALZUGARAY (1932-2017)
EDITORA
Catia Alzugaray
PRESIDENTE EXECUTIVO
Caco Alzugaray

DIRETOR EDITORIAL
Carlos José Marques

DIRETORES
DE REDAÇÃO: Germano Oliveira **DE EDIÇÃO:** Antonio Carlos Prado
REDATOR-CHEFE: Marcos Strecker

EDITORES: Felipe Machado, Ricardo Chapola (Brasília) e Vicente Vilardaga
REPORTAGEM: André Lachini, Eudes Lima, Fernando Lavieri, Mariana Ferrari, Taísa Szabatura e Vinicius Mendes
COLUNISTAS E COLABORADORES: Bolívar Lamounier, Cristiano Noronha, Elvira Cançada, José Manuel Diogo, José Vicente, Luiz Fernando Prudente do Amaral, Marco Antonio Villa, Mentor Neto, Rachel Sheherazade, Ricardo Amorim e Rosane Borges

ARTE
DIRETOR DE ARTE: Camilla Frisoni Sola
EDITOR DE ARTE: Arthur Fajardo
DESIGNERS: Alexandre Souza, Claudia Ranzini, Therezinha Prado e Wagner Rodrigues
INFOGRAFISTA: Nilson Cardoso
PROJETO GRÁFICO: Marcos Marques

ISTOÉ ONLINE: Diretor: Hélio Gomes
Editor executivo: Edson Franco
Editor: André Cardozo
Reportagem: Alan Rodrigues, André Ruoco, Heitor Pires, Larissa Pereira, Leticia Sena, Rafael Ferreira e Vinicius Moreira da Silva
Web Design: Alinne Souza Correa e Thais Rodrigues Ferreira Fernandes

AGÊNCIA ISTOÉ: Editor: Adi Leite
Pesquisa: Mônica Andrade (Colaboradora) e Salvador Oliveira Santos
Arquivo: Eduardo A. Conceição Cruz

CTI: Silvio Paulino e Wesley Rocha

APOIO ADMINISTRATIVO
Gerente: Maria Amélia Scarcello **Secretária:** Terezinha Scarparo
Assistente: Cláudio Monteiro
Auxiliar: Eli Alves

MERCADO LEITOR E LOGÍSTICA
Diretor: Edgardo A. Zabala

Gerente Geral de Venda Avulsa e Logística: Yuko Lenie Tahan

Central de Atendimento ao Assinante: (11) 3618-4566
de 2ª a 6ª feira das 10h às 16h20. Sábado das 9h às 15h.
Outras capitais: 4002-7334
Outras localidades: 0800-8882111 (exceto ligações de celulares)
Assine: www.assine3.com.br
Exemplar avulso: www.shopping3.com.br

PUBLICIDADE
Diretor nacional: Maurício Arbex **Secretária da diretoria de publicidade:** Regina Oliveira **Assistente:** Valéria Esbano **Gerente executivo:** Andréa Pezzuto **Diretor de Arte:** Pedro Roberto de Oliveira **Coordenadora:** Rose Dias **Contato:** publicidade@editora3.com.br **ARACAJU – SE:** Pedro Amarante · Gabinete de Mídia · **Tel.:** (79) 3246-w4139 / 99978-8962 – **BELÉM – PA:** Glicia Diocesano · Dandara Representações · **Tel.:** (91) 3242-3367 / 98125-2751 – **BELO HORIZONTE – MG:** Célia Maria de Oliveira · 1a Página Publicidade Ltda. · **Tel./fax:** (31) 3291-6751 / 99983-1783 – **CAMPINAS – SP:** Wagner Medeiros · Wem Comunicação · **Tel.:** (19) 98238-8808 – **FORTALEZA – CE:** Leonardo Holanda – Nordeste MKT Empresarial – **Tel.:** (85) 98832-2367 / 3038-2038 – **GOIÂNIA–GO:** Paula Centini de Faria – Centini Comunicação – Tel. (62) 3624-5570/ (62) 99221-5575 – **PORTO ALEGRE – RS:** Roberto Gianoni, Lucas Pontes · RR Gianoni Comércio & Representações Ltda · **Tel./fax:** (51) 3388-7712 / 99309-1626 – **INTERNACIONAL:** Gilmar de Souza Faria · GSF Representações de Veículos de Comunicações Ltda · **Tel.:** 55 (11) 99163-3062

ISTOÉ (ISSN 0104 - 3943) é uma publicação semanal da Três Editorial Ltda. **Redação e Administração:** Rua William Speers, 1.088, São Paulo – SP, CEP: 05065-011. **Tel.:** (11) 3618-4200 – **Fax da Redação:** (11) 3618-4324. São Paulo – SP. Istoé não se responsabiliza por conceitos emitidos nos artigos assinados. **Comercialização:** Três Comércio de Publicações Ltda, Rua William Speers, 1212, São Paulo – SP. **Impressão: OCEANO INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.** Rodovia Anhanguera, Km 33, Rua Osasco, nº 644 – Parque Empresarial – 07750-000 – Cajamar – SP

ANER
www.aner.org.br

Depois de anos de evolução, **o Brasil regride ao século passado e começa a criar mais uma geração de desnutridos.** Os últimos levantamentos mostram que existem, hoje, cerca de **20 milhões de pessoas famintas.** Com a destruição de políticas públicas, Bolsonaro faz ecoar as lembranças do "homem-caranguejo" e do "homem-gabiru", que assombraram o País em décadas anteriores. A fome sempre foi um grande paradoxo nacional. **E no País do alimento mais uma vez ele falta. A situação só piora**

Vicente Vilardaga e Fernando Lavieri

POLÍTICA DE EXTERMÍNIO
Diante de uma tragédia em andamento, Bolsonaro pouco faz e dá risada: brasileiros estão sendo tratados como animais

FOTO: DOMINGOS PEIXOTO/AGÊNCIA OGLOBO

LACÁVEL VOLTA DA

FOTO: DOMINGOS PEIXOTO/AGÊNCIA O GLOBO

Engendra-se neste momento uma política de extermínio de brasileiros pobres por meio da miséria e da fome. É mais uma estratégia destrutiva do governo Jair Bolsonaro, que parece ter o objetivo persistente de deixar a população morrer à míngua. Pessoas famintas sendo tratadas e agindo como animais se multiplicam em grandes e pequenas cidades, aumentando a tragédia social que não tem fim. Seres humanos se animalizam, abandonam a civilização por necessidade e atingem a condição de barbárie. Referências da pobreza e subnutrição nacional que pareciam esquecidas no passado, como o "homem-caranguejo", identificado nos mangues do Recife pelo nutrólogo e geógrafo Josué de Castro, ou o "homem-gabiru", o brasileiro de 1,35 metro comparado a uma ratazana do Nordeste, voltaram a ecoar e perturbar ainda mais a realidade. O País vive hoje seu pior ciclo de carestia desde o século passado e afunda cada vez mais numa crise humanitária. Atualmente, segundo o Inquérito Nacional Sobre Segurança Alimentar no Contexto da Pandemia de Covid-19, mais recente pesquisa sobre o assunto, pelo menos 20 milhões de pessoas passam fome por aqui, o equivalente a 9% da população, e 55% dos brasileiros têm algum problema rotineiro de falta de alimento.

O levantamento foi realizado em dezembro de 2020 pela Rede PENSSAN, com apoio do Instituto Ibirapitanga e parceria da ActionAid Brasil, FES-Brasil e Oxfam Brasil, todas organizações não-governamentais, e mostrou que a situação se deteriora rapidamente desde 2015, quando o País deixou o Mapa da Fome da Organização das Nações Unidas (ONU), voltando a níveis anteriores a 2004. "A gente tem acompanhado os dados e de que maneira a falta de políticas públicas contribuiu para essa situação alarmante com a pandemia. O Brasil corre o risco de se tornar um novo epicentro da fome no mundo", afirma Maitê Gauto, gerente de programas da Oxfam Brasil. "Em 2018, havia 10 milhões de esfomeados e em três anos o número praticamente dobrou e mais da metade da população sofre sem comida". Por conta do aumento de preço dos alimentos, as pessoas vêm seus orçamentos se tornando insuficientes para atender necessidades básicas. O peso da alimentação, muito representativo na lista de despesas das classes mais baixas, cresce e impede que as famílias tenham o suficiente para se manter até o fim dos mês. O arroz, por exemplo, aumentou cerca de 30% nos últimos 12 meses, patamar semelhante ao da carne bovina.

"É uma situação muito complicada e a inflação está subindo. O dado da pesquisa do ano passado ainda não mostrava esses efeitos. Muito provavelmente o quadro agora é muito pior do que em dezembro", diz o economista Walter Belik, professor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e estudioso do mercado de alimentos e da fome. Em 2020, a inflação acumulada foi de 4,52%. Em 2021, até setembro, foi de 6,9%. No caso

FLAGELO
Ligia de Oliveira e o cunhado Janio Souza buscam restos de peixes nos fundos do Mercado Municipal, em SP

do número de obitos pela Covid-19, dois terços das 604 mil mortes, mais de 400 mil, aconteceram neste ano, mostrando que 2021 está sendo pior em muitos sentidos. O dólar também sobe, aumentando o preço em reais dos produtos importados ou cotados internacionalmente. Com o governo federal abandonando as políticas de combate à fome e tirando recursos da área, quem cuida hoje do assunto para que não haja um colapso são os governos estaduais e municipais, mas de maneira independente e sem coordenação central. Outro problema é que Bolsonaro prejudica a obtenção de dados por causa do cancelamento do Censo Demográfico. Para fazer o levantamento da população faminta no próximo ano não será possível contar com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), perturbando a sequência de informações históricas.

Uma das causas do aumento da fome é a irregularidade e a incerteza do auxílio emergencial, que substituiu o Bolsa Família durante a pandemia e perdeu poder de compra devido à inflação galopante. O programa está parado desde que o governo adotou o auxílio emergencial, sujeito a interrupções e recomeços e que corre por fora do Cadastro Único, central de informações atualizadas de beneficiários e consolidadas na última décadas, que exige contrapartidas para o pagamento mensal. O auxílio atual enfrenta problemas de governança e compliance, além de gerar incertezas na população pelo seu caráter precário.

SOCORRO População desesperada tenta encontrar algum sinal de solidariedade: governo abandonou políticas públicas

"O Brasil corre o risco de se tornar um novo epicentro da fome no mundo", **Maitê Gauto**, gerente da Oxfam

Para substituir o Bolsa Família, o ministro da Economia, Paulo Guedes, anunciou, quarta-feira, 20, o lançamento do programa Auxílio Brasil, que a partir de novembro deverá pagar R$ 400 para 16 milhões de famílias. O problema é que a medida chega como mais uma cartada populista de Bolsonaro, com prazo de validade para 2022 e cheia de oportunismo eleitoral, além de romper o teto de gastos do governo. Sem contar que o crescimento do número de famélicos é exponencial e há uma demora inaceitável para se ajustar iniciativas de combate ao flagelo. Como dizia o sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, grande lutador pelos direitos humanos, "quem tem fome, tem pressa".

Segundo a economista e professora do Insper Laura Müller Machado é inexplicável que se tenha gasto tanto dinheiro com o auxílio emergencial e se realizado tão pouco no enfrentamento da insegurança alimentar. "O Bolsa Família custa R$ 30 bilhões por ano, e o auxílio, nos últimos doze meses, já custou R$ 300 bilhões", afirma. Os recursos saem dos cofres do Estado, mas não chegam até a população necessitada. "Se a rede de assistência social não funciona, não é porque faltou dinheiro, mas sim porque o governo alocou recursos de forma errada", diz. Deu pouco para muita gente e não resolveu o problema. "Se chegamos nesse ponto é porque não houve eficiência no socorro na pandemia e nem o apoio necessário da assistência social", disse.

Cenas dantescas se repetem no Brasil nas últimas semanas e recuperam algo que parecia ter sido superado. Pessoas esfomeadas buscando restos de comida em lixos de rua, brasileiros desesperados em busca de alguma proteína animal. No fim das feiras, aumentam as aglomerações de pessoas a procura de alimentos. Disputam-se ossos e carnes descartadas para consumo, como se viu no Rio de Janeiro, ou vasculhando caminhões de lixo em Fortaleza para encontrar algo aproveitável para comer. Há pessoas sendo presas porque roubaram um pacote de

FOTOS: RODRIGO ZAIN; EVERSON BRESSAN/FOTOARENA; REINALDO CANATO/FOLHAPRESS

miojo, como foi o caso da moradora de rua Rosângela Lemos, no final de setembro. Dependente química e mãe de cinco filhos, ela entrou no supermercado Oxxo, na Vila Mariana, em São Paulo, e furtou um macarrão, uma garrafa de Coca-Cola, e um pacote de suco Tang. Acabou presa por quinze dias, mas com a ajuda da Defensoria Pública de São Paulo e do clamor popular, alcançou a liberdade.

Seu caso, afinal, foi enquadrado como furto famélico, ação que visa saciar a fome e que envolve alimentos cujos valores são considerados irrisórios para a vítima. O defensor público Diego Polachini, que atuou no processo de Rosângela, diz que situações como a dela se tornaram corriqueiras. Ele trabalha, por exemplo, num caso de furto de dois pacotes de amendoim, cada um no valor de R$ 1,50, em que o autor foi condenado a um ano de cadeia. "Atos desse tipo são muito pequenos para se mobilizar o Estado", diz. Imagens do cotidiano da maior metrópole do País demonstram que o estudo da Rede PENSSAN está correto e, provavelmente, subestimado. Ao caminhar pelas ruas que dão acesso ao Mercado Municipal, no centro de São Paulo, pessoas famélicas se alimentam do que sobra de comida no lixo. "Se não pegar, passo fome" diz Gilberto Alves de 53 anos. Com o corpo coberto por trapos, numa terça-feira de frio e chuva na cidade, Alves, pintor profissional, vaga pelas ruas vasculhando lixos em busca de comida e vai pegando o que pode. Ele está em situação de rua há dez anos e não procura mais emprego desde o inicio da pandemia. Famílias inteiras estão vivendo na penúria mais absoluta. A dona de casa Alexandra de Araújo, de 29 anos, que mora no Recife (PE) e cuida de cinco filhos, os dois menores gêmeos, é um exemplo de brasileira sofrida nestes tempos famélicos. Na segunda-feira, 18, ela e suas crianças estavam sem colocar nada na boa há 24 horas. Alexandra recebe auxílio emergencial de R$ 375 e mora numa casa alugada na beira do Rio. A maior parte do que ganha vai para o aluguel e sobra pouco para o alimento. "Não sabemos mais o que fazer", diz.

O Mercado Municipal é um dos pólos turísticos da cidade de São Paulo. O estabelecimento é repleto de restaurantes e lanchonetes que atendem turistas de todas as partes do planeta com iguarias de alto requinte. Porém, próximo ao local em que Gilberto Alves se alimentava com as sobras de bananas e melões em decomposição, há uma saída do prédio, na Avenida do Estado, em que pessoas se amontoam à espera de descartes. "O que ganho não dá para matar a fome", diz Lígia Maria de Oliveira, 72, aposentada. O dinheiro que recebe é a única renda da família que sustenta três adultos e uma criança. Ela conta que chegou cedo ao local. "Estamos aqui desde às seis horas", diz. Dona Lígia explica que os restos de alimento que pega, antes que sejam descartados na caixa trituradora, leva para casa, no Jardim Peri, lava tudo e guarda na geladeira. O cunhado de

HUMILHAÇÃO
Nas grandes cidades, cresce o número de pessoas que buscam alimentos em latas de lixo

PENÚRIA
A dona de casa Alexandra de Araújo com os cinco filhos: falta de renda e 24 horas sem comida

DESMANCHE PROGRAMADO

BOLSA FAMÍLIA
O governo desarticulou o programa, abandonou o Cadastro Único e as contrapartidas dos beneficiários e optou pelo auxílio-emergencial

CONSEA
A extinção do Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional desorganizou as políticas nacionais de combate à fome

CISTERNAS
O governo reduziu em 94% o Programa de Cisternas, que leva água para produção de alimentos no Nordeste

ESTOQUES
O fim dos estoques reguladores de alimentos contribuiu para o aumento da inflação

PAA
O Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) previa a compra pelo governo de comida produzida pela agricultura familiar e sua distribuição para a população carente

PRONAF
O governo cortou 40% dos subsídios do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

Ligia, Janio Souza, de 64 anos, desempregado desde 2016, diz que o Brasil empobreceu após a chegada de Bolsonaro ao poder. "O presidente não pensa nos trabalhadores, só nos filhos", diz. Os dois conseguiram abastecer as sacolas com legumes, como tomate, pimentão e berinjela, além de peixes podres.

"Já vi gente morrer de fome aqui no gramado", diz a moradora de rua Neusa Carvalho da Silva ao começar a falar sobre o tema da fome. Ela vive no canteiro central em frente ao Ceagesp, maior entreposto da América Latina, situado na zona oeste da cidade. "Tia", como é conhecida Neusa, é a responsável por cozinhar a sopa que alimenta todos os moradores do local à noite. Ela reclama que o Ceagesp não ajuda o seu pessoal, pelo contrário. "Quem entra lá, apanha. Nem o banheiro podemos usar", conta. Uma das pessoas mais comprometidas em minimizar a fome no País é o padre Júlio Lancellotti, criador da Pastoral do Povo da Rua. A organização eclesiástica distribui 800 almoços diariamente a pessoas em situação de rua além de prestar outros tipos de atendimento. O padre conta que ao observar pessoas famintas se alimentando, como elas não têm certeza que no dia seguinte vão conseguir comer novamente, pegam a marmita e a devoram com a máxima ferocidade possível. "A intenção é comer duas vezes para poder suportar mais tempo sem se alimentar", diz. Lancellotti vê esse momento como um dos piores da história brasileira. "Vejo pessoas que comem até comida estragada", afirma Em relação à política do governo no combate a fome, o padre só vê ações deletérias. "Bolsonaro não entende muito bem o que está fazendo e o governo trata essas pessoas como descartáveis", lamenta.

A interrupção de políticas públicas de combate à miséria e à fome durante o atual governo é causa direta da tragédia alimentar que aflige o País. Desde que assumiu, Bolsonaro trata de quebrar estruturas de assistência social e interromper programas que levam comida aos mais necessitados. Uma das primeiras medidas, em 2019, foi extinguir o Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea), o que desorganizou as políticas nacionais de combate à fome. A entidade tinha a atribuição de elaborar e sugerir ao governo federal condutas que priorizem políticas públicas de segurança alimentar e nutricional. "Foi como varrer a sociedade civil de todas as ações de governo", afirma Kiko Afonso, diretor-executivo da Ação da Cidadania Contra a Fome e a Miséria Pela Vida, instituição criada por Betinho. Ele explica que a fome no Brasil vem crescendo há quatro anos, porque, a partir de 2017, mudou a visão política do processo de produção de alimentos e se passou a negligenciar a agricultura familiar. "Nesse período, as políticas de combate a fome foram destruídas", diz.

55%
da população está em situação de insegurança alimentar

EMPATIA
Em São Paulo, o padre Júlio Lancelotti distribui 800 almoços por dia para a população de rua

Outras medidas negativas do governo que agravam a carência de alimentos foram a redução drástica do Programa de Cisternas, que garante água para a produção de alimentos e criação de animais nas regiões mais secas do Nordeste e o fim dos estoques reguladores, que começaram a ser extintos em 2017 e impediriam, se estivessem ativos, o encarecimento de itens básicos como o arroz e o feijão, que aumentou 17,3% em 12 meses. Também foi desmantelado o bem-sucedido Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), que previa a compra pelo governo de alimentos produzidos pela agricultura familiar e sua distribuição para a população carente. Finalmente, em mais um golpe no pequeno produtor, foi encolhido o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar, com um corte de 40% nos subsídios em 2021. Mesmo com o novo programa de auxílio, o governo não tem vontade política e nem capacidade de gestão para enfrentar o drama da fome de frente. Há um gravíssimo problema que exige uma solução imediata. É uma vergonha que o Brasil, reconhecido como o País que mais reduziu a fome e a pobreza no mundo na década passada volte para o famigerado mapa da carestia e se converta novamente numa referência da miséria global. ■

"Não foi por falta de dinheiro que a rede de assistência não funcionou, mas pela má alocação de recursos"
Laura Müller, economista e professora do Insper

FOTOS: LÉO CALDAS; KARINE XAVIER/FOLHAPRESS; MARLENE BERGAMO/FOLHAPRESS

OS CRIMES contra a humanidade

Após superar divergências sobre as acusações ao presidente Jair Bolsonaro, CPI da Covid no Senado apresenta relatório que o acusa por nove crimes, cujas penas somadas podem levar a quase 80 anos de prisão

Ricardo Chapiola

IRONIA O senador Flavio Bolsonaro disse que o pai "receberia o relatório com uma gargalhada" e imitou sua risada: CPI o acusa de incitação ao crime

O relatório final da CPI da Covid, elaborado por Renan Calheiros (MDB-AL) após entendimento com os outros membros da comissão, traz uma acusação contundente contra o presidente Jair Bolsonaro: ele é apontado como "principal responsável" pela desastrosa condução do governo federal no combate à pandemia. Entre os nove crimes imputados ao mandatário, um se destaca pela inevitável repercussão internacional: o de crime contra a humanidade, menção que abre caminho para uma denúncia formal no Tribunal Penal Internacional (TPI). O texto, que deve ser votado na terça-feira (26), recomenda o indiciamento do ex-capitão e pede punições que podem resultar em 78 anos de cadeia, segundo estimativas dos parlamentares.

A CPI acusa Bolsonaro de crime de epidemia com resultado em morte, por se recusar e adiar a compra de vacinas; por incitação ao crime, por estimular a população a não respeitar os protocolos de segurança; infração de medida sanitária preventiva, por contrariar os protocolos da saúde e não usar máscara; falsificação de documento particular, por alterar dados sobre o número de óbitos; charlatanismo, por defender o tratamento precoce com medicamentos sem comprovação científica; emprego irregular de verbas públicas, por investir na compra e produção de cloroquina; prevaricação, por não mandar investigar suspeitas de corrupção na compra de vacinas; violação de direito social e de incompatibilidade com a dignidade, honra e decoro, por declarações vulgares e agressões aos outros Poderes: e, finalmente, crime contra a humanidade, por submeter a população à "imunidade de rebanho" e agir com negligência em relação aos povos indígenas. O relatório recomenda ainda o indiciamento de mais 65 pessoas, entre eles os

"Bolsonaro é criminoso e genocida, mas não tínhamos condições técnicas de fazer esse enquadramento. Colocamos que ele cometeu crimes contra a humanidade, que são de extrema gravidade" **Humberto Costa**, senador (PT-PE)

FOTOS: LEOPOLDO SILVA/AGÊNCIA SENADO; ROQUE DE SÁ/AGÊNCIA SENADO; EDILSON RODRIGUES/AGÊNCIA SENADO

AZIZ E RENAN Após desavenças sobre as acusações de genocídio e homicídio qualificado, presidente e relator da CPI se entenderam: comissão deve votar relatório na terça-feira

OS RELATÓRIOS PARALELOS

» Marcos Rogério
Isenta o governo federal e pede que MPF e PF apurem estados e municípios sobre suspeitas de desvios

» Eduardo Girão
Poupa Bolsonaro e sugere um único indiciamento: o petista Carlos Gabas, secretário do Consórcio Nordeste e suspeito de irregularidades em compras de respiradores

» Alessandro Vieira
Militares executaram política genocida, aponta o texto de Vieira: "A farda não pode ser utilizada como escudo de proteção para os erros"

três filhos do presidente, Flávio, Eduardo e Carlos Bolsonaro. Eles são acusados de incitação ao crime pela disseminação de notícias falsas. "A falsa sensação de segurança desencadeada por informações inverídicas contribiu decisivamente para o aumento do número de infectados e mortes", informa o relatório, que também pede mudanças na legislação para que a difusão de "fake news" seja tipificada como crime.

Outros pedidos de indiciamento incluem os ministros Marcelo Queiroga (Saúde), Braga Netto (Defesa), Onyx Lorenzoni (Trabalho) e Wagner Rosário (Controladoria-Geral da União), além do ex-ministro da Saúde, Eduardo Pazuello. A lista traz ainda deputados, empresários e integrantes do chamado "Gabinete Paralelo", consultores informais do presidente supostamente responsáveis por defender a "teoria de imunidade de rebanho" em contraponto à vacinação.

Relatório da CPI pede o indiciamento dos ministros Queiroga, Onyx, Braga Netto e Pazuello

Após a aprovação do parecer, integrantes da CPI vão pedir uma audiência para entregá-lo ao Procurador-Geral da República, Augusto Aras. O objetivo é pressionar o chefe do MPF a não arquivar a investigação, uma vez que ele tem agido de forma favorável a Bolsonaro em casos sensíveis — o presidente apoiou sua recondução ao cargo de PGR esse ano. O texto também será enviado ao presidente da Câmara, o deputado Arthur Lira (Progressistas-AL), responsável por pautar um eventual pedido de impeachment do presidente. Se Aras e Lira engavetarem o documento, os senadores podem levá-lo diretamente ao Supremo Tribunal Federal (STF) por meio de uma ação popular promovida por associações de parentes das vítimas.

Parlamentares da base aliada do governo tentam desqualificar o relatório. Os senadores Eduardo Girão (Podemos-CE) e Marcos Rogério (DEM-RO) afirmaram que vão apresentar relatórios paralelos. Em sua versão, Girão defende que a CPI "criminalizou" o tratamento precoce. Já o filho do presidente, o senador Flávio Bolsonaro (Patriotas-RJ), preferiu reagir com ironia. Disse que o documento era "inconstitucional" e que o pai receberia a notícia "com uma gargalhada". Em seguida, imitou a risada do pai.

O presidente Bolsonaro, porém, não parece ter achado tanta graça assim. Diante das câmeras, ele sequer sorriu quando mencionou o assunto na quarta-feira (20), em um evento no Ceará. "Como seria bom se aquela CPI estivese fazendo algo produtivo para o nosso Brasil. Nada produziram a não ser o ódio e o rancor entre alguns de nós", afirmou. "Mas nós sabemos que não temos culpa de absolutamente nada." Na última quarta-feira (20), o País ultrapassou o número de 604 mil mortos por Covid-19. ■

Os marajás em Dubai

Eduardo Bolsonaro posa como sheik nos Emirados Árabes Unidos e expõe a farra de viagens do governo federal. Autoridades circulam pelo mundo com muita festa e resultados pífios

Eudes Lima

Enquanto economiza nas ações internas para resolver os problemas nacionais, o governo Bolsonaro tem se mostrado entusiasta em organizar comitivas internacionais que trazem resultados pífios e muitas vezes servem apenas para exibir ostentação nas redes sociais. O último deboche foi protagonizado pelo deputado Eduardo Bolsonaro em uma viagem que ele fez para Dubai, nos Emirados Árabes Unidos, para acompanhar a Expo 2020. Em uma foto postada nas redes, o filho 03 posa junto com a esposa e a filha, vestidos com trajes destinados às famílias dos sheiks. A ironia contrasta com a miséria crescente em que vivem os brasileiros durante uma severa crise econômica.

Eleito com o discurso que iria poupar os cofres públicos, o governo Bolsonaro tem exagerado no gasto com cartões corporativos. São R$ 204 milhões desde 2019 - R$ 50 milhões com gastos exclusivos da Presidência e dos filhos do mandatário, especialmente para pagamento de hospedagem e alimentação em viagens. Dubai virou o destino dos sonhos do momento. O secretário da Pesca, Jorge Seif, esteve na cidade no início do mês para um "trabalho-passeio top demais" (como definiu), divulgado por meio de um vídeo em seus canais, mas

EXIBICIONISMO O deputado Eduardo Bolsonaro se veste com trajes árabes para ostentar viagem com a esposa e filha em Dubai

 FOTOS: REPRODUÇÃO

só conseguiu mostrar o quanto se divertiu com o dinheiro do contribuinte. Os dois são apenas parte da delegação oficial. O governo autorizou uma caravana para promover o turismo com 69 pessoas de nove ministérios e da Vice-Presidência para a feira de negócios. O custo estimado é superior a R$ 3,6 milhões.

DEU PRAIA O ministro de Turismo, Gilson Machado, não perde uma oportunidade: Dubai

Depois que a foto vestido de sheik repercutiu mal, o filho do presidente reagiu como é costume no clã: partiu para o ataque. A resposta veio por meio de uma postagem no Twitter. Eduardo afirmou que irritava "os genocidas da esquerda" e que iria postar outra foto. "Acabei de ser presenteado por um amigo árabe com uma kandora, a roupa tradicional deles que equivale ao nosso terno e gravata", justificou. Em outra foto, sua família aparece com a praia ao fundo. O repúdio não veio somente dos críticos do governo. Também cidadãos que se identificam como "de direita" inundaram a rede com comentários negativos. É fácil entender a reação. Uma das cidades mais caras do planeta, Dubai ficou ainda mais proibitiva com a disparada do dólar, que afeta os cidadãos comuns.

O deputado Marcelo Freixo (PSB-RJ) acionou o Ministério Público Federal e foi ao embate com o filho 03. "Ali Banana e os 40 ladrões do desgoverno Bolsonaro estão fazendo farra em Dubai enquanto 20 milhões de pessoas estão passando fome, catando comida no lixo", escreveu. O presidente da CPI da Covid, Omar Aziz (PSD-AM), também protestou. "O Sheik Duduzinho deveria ir para uma cidade ver pessoas passando fome, não para Dubai." O deputado Junior Bozzella (PSL-SP) disse que Eduardo nunca se preocupou com o povo. "Os fatos mostram isso, o Eduardo não gosta de gente, gosta de poder, por isso agora está dando uma de sheik árabe", ironizou.

FARRA Comitiva embarcou para Israel para fazer turismo com dinheiro público: a desculpa foi um spray milagroso contra a Covid

Para atenuar a repercussão negativa, Eduardo passou a divulgar encontros com líderes árabes. Mas isso não muda a imagem que já ficou marcada de um governo que colhe resultados medíocres na frente externa e já se vangloriou de ser um "pária internacional". O próprio Eduardo participou de outra caravana que atesta essa falta de conexão com a realidade. Fez parte da comitiva oficial que foi a Israel para avaliar um spray milagroso contra o coronavírus, em março. Além de não trazer nenhum remédio, o grupo torrou pelo menos R$ 400 mil com o giro internacional feito em avião da FAB.

Em recente viagem para a Assembleia Geral da ONU, em setembro, o próprio presidente deu o exemplo. Ministros, assessores, familiares e bajuladores participaram da excursão em Nova York. E não é apenas a família do presidente que embarca nas farras ao exterior. Em julho, mais uma comitiva viajou até Roma, na Itália, com seis representantes do governo. Na oportunidade, os organizadores do evento haviam deixado claro que o limite era de três pessoas. Além do ministro do Turismo, Gilson Machado, e do secretário de Cultura, Mário Frias, viajaram outros quatros assessores. Dois foram fazer turismo, literalmente. Todos voltaram só dois dias depois do término da cúpula dos ministros de Cultura do G-20. O timing foi significativo para elucidar as prioridades do governo. Enquanto os responsáveis pela Cultura curtiam Roma, um depósito da Cinemateca Brasileira pegou fogo em São Paulo. ■

"Eu sabia que, quando Jair Bolsonaro se tornasse presidente, não iria contrariar os interesses da Petrobras"
Wanderlei Alves, líder dos caminhoneiros

Amea
ESTR

Com altas sucessivas no preço do diesel e o se dizem traídos pelo presidente e querem

Há pouco mais de um mês, centenas de caminhoneiros chegaram a Brasília com a promessa de tomar o Supremo Tribunal Federal (STF) em apoio ao presidente Jair Bolsonaro. Hoje, muitos deles não podem nem ouvir o seu nome. Diante de um aumento de 24% no preço do litro do diesel em 2021, a categoria se prepara para uma greve nacional dentro de duas semanas, no dia 1º de novembro (segunda-feira). O movimento já começou para alguns segmentos, como os tanqueiros (profissionais que transportam combustíveis), paralisados desde a manhã da quinta-feira 21. Eles também interromperam os fluxos em bases de abastecimento de veículos em São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo. Para novembro, as expectativas são de que a greve se prolongue por dias – repetindo a de maio de 2018, cujo impacto foi sentido até no resultado do PIB daquele ano. E, embora a demanda principal seja pela redução imediata do custo do diesel, reajustado para cima nove vezes só esse ano, há outros motivos para os caminhoneiros estarem insatisfeitos com o presidente. "Naquela paralisação de três anos atrás, Bolsonaro fez muitas promessas de que tudo seria diferente", critica Wanderlei Alves, o "Dedeco", um dos líderes do movimento desde aquela época. "Eu sabia que, quando Jair Bolsonaro se tornasse presidente, não iria contrariar os interesses da Petrobras."

O sentimento da greve é resumido pelo diretor da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Transportes e Logística (CNTTL), Carlos Alberto Litti Dahmer, como "traição". "A categoria acreditou no Bolsonaro, mas foi traída. Desde que ele foi eleito, só vimos retrocessos", afirma. A revolta faz sentido: só em agosto, por exemplo, enquanto o preço do diesel aumentou 37% nas bombas em comparação a julho, o valor dos fretes subiu apenas 7%, segundo a plataforma Fretebras. Considerando o período entre maio de 2020 e o mesmo mês desse ano, o buraco é ainda maior: enquanto o combustível teve alta acumulada de 47%, os fretes aumentaram só 0,24%.

FOTOS: REPRODUÇÃO; MIGUEL SCHINCARIOL/AFP

“Nós estamos em uma situação pior que há três anos”
Wallace Landim, presidente da Abrava

DEFASADO
Categoria reclama: preço do diesel na bomba subiu 37%; o frete, apenas 7%

ça nas
ADAS

valor dos fretes abaixo do piso, caminhoneiros repetir a greve de 2018 ***Eudes Lima e Vinicius Mendes***

O setor argumenta que a Petrobras privilegia apenas os lucros dos acionistas ao repassar as altas para o mercado interno e acusa a empresa de usar as refinarias para exportar, promovendo escassez dentro do País. Assim, o combustível fica mais caro. Para os caminhoneiros, isso significa queda na renda. “Nós estamos em uma situação pior que há três anos”, diz Wallace Landim, o “Chorão”, que preside a Associação Brasileira dos Condutores de Veículos Automotores (Abrava) e lidera a organização da greve. “Naquele ano, um caminhoneiro autônomo ganhava até R$ 9 mil mensais. Hoje, se trabalhar mais termina o mês só com R$ 4 mil”, complementa “Dedeco”. Além da “paralisação econômica”, como diz Dahmer (CNTTL), ela também é política: os caminhoneiros pressionam para que o governo seja mais firme com os preços dos fretes – acusam as empresas de não praticar os valores regulados pela Política Nacional de Pisos Mínimos de Frete (PNPM). Há, ainda, uma demanda antiga pela aprovação de uma aposentadoria especial para a categoria após 25 anos de trabalho.

O governo Bolsonaro, por sua vez, tenta em vão agradar a todos os envolvidos ao mesmo tempo. Quando recebeu a notificação da greve enviada pela Frente Parlamentar Mista dos Caminhoneiros Autônomos e Celetistas, na quarta-feira, 20, a reação do Planalto foi minimizá-la. A aposta é que a história do 7 de setembro se repetirá: muito discurso antes e pouca mobilização no dia da greve. O ministro da Infraestrutura, Tarcísio Freitas, chegou a dizer na semana passada que a paralisação é orquestrada por empresários. “Como eles não fizeram nada nos últimos anos, agora só há a alternativa de tentar desarmar nossa mobilização”, diz Dahmer. Por outro lado, dar de costas para o setor pode ser um tiro no pé para o governo. Os caminhoneiros foram uma das bases de sustentação de Bolsonaro na eleição, e parte deles até mesmo endossou os discursos golpistas no feriado da Independência. A resposta será dada apenas em novembro, mas as perspectivas são tensas. “A gente deveria paralisar por 10 dias para o presidente sentir na pele”, diz “Dedeco”. “Mas não vai acontecer porque ele tem as polícias nas mãos, e elas não vão deixar os caminhoneiros pararem tanto tempo”. ■

O general se MOVIMENTA

Sem fazer alarde, o comandante do Exército, Paulo Sérgio Nogueira, montou agenda para tentar recuperar o diálogo com outros Poderes, rompido após ataques golpistas de Bolsonaro no Sete de Setembro

Ricardo Chapola

Pouco mais de um mês após Bolsonaro fazer ataques ao Judiciário no Sete de Setembro, o comandante do Exército, general Paulo Sérgio Nogueira, começou a marcar uma série de reuniões com autoridades importantes para afirmar que o Exército não apoia a ideia de golpe, como defende o chefe do Executivo. O militar tem garantido que trabalhará para garantir o Estado Democrático de Direito. É uma notícia positiva. Até recentemente havia dúvidas sobre a posição dos fardados em relação às

PONTE O comandante do Exército, general Paulo Sérgio, tranquilizou o presidente do STF, Luiz Fux, sobre intenções dos militares

FOTOS: NELSON JR./SCO/STF; MATEUS BONOMI/AGIF/AGIF VIA AFP; PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS

investidas do presidente. Bolsonaro sempre tentou envolver os militares nas crises institucionais que cria. Chama a corporação de "meu Exército" e chegou a fazer um discurso golpista montado em uma caçamba de caminhão, em frente ao QG do Exército em Brasília, o Forte Apache. Em outra ocasião, levou o então ministro da Defesa, Fernando Azevedo e Silva, para sobrevoar uma manifestação de helicóptero. O ex-titular da Defesa mostrou descontentamento com a tentativa de associá-lo às palavras de ordem antidemocráticas. Alguns meses depois, foi demitido por Bolsonaro, que se queixava de falta de adesão ao seu projeto. A exoneração de Azevedo e Silva, seguida da demissão sob protestos dos comandantes das três Forças, virou a maior crise militar da redemocratização.

A tentativa de cooptação das Forças Armadas parece não ter surtido efeito. O general Paulo Sérgio vem tentando se desvencilhar do saudosismo ditatorial. Na tentativa de reduzir o estresse institucional, ele se encontrou congressistas e ministros do STF — inclusive o presidente da Corte, Luiz Fux, que foi convidado pelo comandante para um almoço no Quartel-General do Exército, em Brasília, na semana passada. Pessoas próximas a Fux relataram que o almoço tinha a intenção de acabar com os conflitos recentes provocados pela escalada golpista. Antes de se encontrar com o magistrado, o general também visitou outros dois ministros: Alexandre de Moraes, no dia 4 de outubro, e Nunes Marques, em 20 de setembro. Moraes foi um dos alvos centrais dos ataques proferidos por Bolsonaro nos atos de Sete de Setembro.

VISADO Atacado pelos bolsonaristas, o ministro Alexandre de Moraes, do STF, também recebeu visita do general

O périplo do comandante pelo STF foi visto como uma forma de reconstruir pontes entre os militares e o Supremo. Pontes essas que, na avaliação dos ministros, começaram a ruir após a chegada de Walter Braga Netto, general da reserva, no Ministério da Defesa. "A relação com a caserna era melhor quando o ministro era o Fernando Azevedo", disse Fux a um interlocutor. Oficialmente, o Exército tem tratado as reuniões do general Paulo Sérgio como agenda institucional. Reservadamente, no entanto, o que se diz é que o gesto é "simbólico". "O motivo do almoço foi basicamente dizer para Fux não envolver o Exército no mau relacionamento entre o presidente, o ministro da Defesa e o STF", contou um oficial de alta patente, aliado do comandante. "Braga Netto é um general que ocupa uma função política. E ele nada tem a ver com o relacionamento e com o comprometimento das Forças Armadas com os outros Poderes."

A relação dos militares com o Judiciário piorou por conta de atitudes tomadas pelo presidente, que costuma usar o nome das Forças Armadas para chancelar seus planos. Mesmo sem apoio da cúpula da caserna, o mandatário tem mantido essa atitude, a ponto de ter mandado até tanques de guerra da Marinha desfilarem pela Esplanada no dia em a Câmara derrotou a PEC do voto impresso, em agosto. O evento intimidatório foi criticado pelas principais lideranças políticas. O Alto Comando das Forças Armadas considerou um constrangimento. Não foi à toa que Nogueira aproveitou para tentar descolar a imagem do Exército da escalada autoritária. Amigos de Nogueira ressaltam até mesmo a atuação discreta do comandante em redes sociais, tamanha sua objeção a politizar as Forças Armadas. "Não é do feitio do comandante. E ele não deve parar por aí. Em breve, também deve visitar outras autoridades, como o presidente do Senado e o da Câmara", afirmou outra pessoa do seu entorno.

Um dos pontos que aproxima Fux e o comandante do Exército é a mesma visão sobre a disseminação de notícias falsas. Dez dias depois das manifestações do Sete de Setembro, Nogueira, que ainda não tinha se manifestado, garantiu que a Força continuava "firme no cumprimento de suas missões constitucionais" e pediu para que soldados tomassem cuidado com as informações que recebiam nas redes socias - um recado claro a apoiadores de Bolsonaro.

Nogueira dedicou os últimos dois meses a realizar uma série de reuniões longe dos holofotes. Teve encontros com lideranças da bancada do Nordeste - muitas delas filiadas a partidos de oposição a Bolsonaro. O comandante abriu ainda espaço na agenda para receber banqueiros, como o presidente do Banco de Brasília, Paulo Henrique Costa. O banco concedeu empréstimo de R$ 3,1 milhões para que o senador Flávio Bolsonaro, o 01, financiasse a mansão onde mora em Brasília. Em setembro, Nogueira também recebeu o Grão Mestre Geral da Maçonaria, Múcio Bonifácio Guimarães. ■

Os rombos no cofre em Cuiabá

O prefeito **Emanuel Pinheiro** foi afastado do cargo pela Justiça, junto com sua mulher e assessores. Envolvido em diversas investigações, ele é acusado de promover **mensalinho** na Saúde, que subtraiu R$ 16 milhões do erário

Eudes Lima

O prefeito de Cuiabá, Emanuel Pinheiro (MDB), ostentava uma carreira meteórica na política, mas que agora está definitivamente manchada e truncada. Ele foi afastado da Prefeitura, junto com a sua esposa, Márcia Pinheiro, o seu braço direito e chefe de gabinete, Antônio Monreal Neto, e a secretária-adjunta de Governo, Ivone de Souza. Neto foi preso e cumpriram-se mandados de busca e apreensão nas residências dos acusados. Eles são alvo da Operação Capistrum que apura corrupção praticada junto à Secretaria de Saúde. Provisoriamente, assume a Prefeitura o vice José Roberto Stopa (PV), que também está enrolado com a Justiça e é averiguado por suspeita de fraudes em licitações.

Com apenas 23 anos de idade, Pinheiro já era vereador em Cuiabá. Seu destaque na vida política o levou até a cadeira de prefeito em 2016 e à reeleição em 2020. No comando da capital do Mato Grosso, com cerca de 620 mil habitantes, o prefeito convive, no entanto, com acusações de corrupção desde 2017. Em nota oficial, ele afirmou que: recebeu "com surpresa a decisão que gerou afastamento de suas funções em razão de apuração por contratação irregular de servidores da Saúde". Mas a suposta surpresa até parece ironia. São muitos os escândalos que cercam Pinheiro desde o primeiro ano de mandato.

Na operação Malebolge da Polícia Federal, em 2017, a acusação foi de um esquema de mensalinho. Em 2018, a força-tarefa Sangria da Polícia Civil investigou práticas de corrupção na Saúde. Ainda sob comando da Polícia Civil houve a operação Overlap que averiguou desvios na Educação. Na Overpriced,

FOTOS: MONTAGEM SOBRE FOTO DE ROGÉRIO FLORENTINO/OD; REPRODUÇÃO

CASAL Emanuel Pinheiro e sua esposa, Márcia: uso da Secretaria da Saúde como "canhão político"

Pinheiro é suspeito de ter comprado Kit Covid. Agora, em 2021, mais quatro inquéritos apertaram o cerco contra ele: Curare, Autofagia, Sinal Vermelho e Colusão. Pinheiro merece, sem dúvida, um lugar no Guinness Book por suspeita de malversação de dinheiro público.

Era inevitável que a qualquer momento as provas aparecessem. Na operação Capistrum, a delação premiada do ex-secretário de Saúde, Huark Douglas Correia, apresentou robustas evidências de contratação de servidores sem concurso público. No total, 259 profissionais foram admitidos com objetivo de ganho político. Alguns não tinham qualquer formação específica para a função.

Além do depoimento, Huark apresentou os contratos de prestação de serviço que não foram assinados por ele, apenas pelos funcionários selecionados. Huark sabia da manobra e se recusou a dar seu consentimento. Na decisão do desembargador Luiz Ferreira Silva (TJ-MT) consta que o ex-secretário acusou o prefeito de improbidade: "As contratações seriam um canhão político para conseguir apoio (...) o volume de contratação não era compatível com a necessidade da Secretaria de Saúde de Cuiabá", descreve o documento.

A primeira-dama é um capítulo à parte. Apesar de não ter um cargo remunerado, Márcia Pinheiro tem destaque no site oficial da Prefeitura. Ela, sem dúvida, é uma colaboradora do prefeito. Também é atribuído à esposa um ilícito sistema de bonificação para os servidores por meio do "Prêmio Saúde". Sem qualquer critério transparente, Márcia gerenciava pagamentos em dinheiro, por mês, para funcionários que ajudariam politicamente a administração. A denúncia foi feita pela ex-secretária de Saúde Elizeth Araújo. O prejuízo aos cofres públicos com o "Prêmio" está estimado em R$ 16 milhões. Há casos, como o de Bianca Scaravonatto, que se demitiu da função de atendente de farmácia porque não tinha formação para o trabalho, mas continuou recebendo prêmio e salário, conforme declarou em depoimento.

Até então, os secretários municipais do prefeito vinham sendo alvo da Justiça. Além de Huark, que inclusive chegou a ser preso, Alex Vieira, ex-secretário de Educação; Marcos Brito, ex-procurador do município; Luiz Pôssas, ex-secretário de Saúde; Antenor Figueiredo, ex-secretário de Mobilidade Urbana; Célio Silva, ex-secretário de Saúde; Alexandre Magalhães, ex-secretário-adjunto de Gestão. Dessa vez, porém, Pinheiro não conseguiu se esconder atrás dos colaboradores.

Há outra delação que tira o sono do prefeito afastado. O ex-governador Silval Barbosa tem em curso um acordo com o Ministério Público Federal que denuncia Pinheiro. O prefeito ficou bem famoso em 2017 quando apareceu em um vídeo recebendo dinheiro desviado do governo do Mato Grosso. Na época da filmagem, Pinheiro era deputado estadual e o processo diz que ele recebeu R$ 600 mil, em 12 parcelas de R$ 50 mil. O pagamento era parte do esquema de corrupção nas obras da Copa de 2014 e do Programa MT Integrado. ■

SECRETÁRIO Antônio Monreal Neto, ex-braço direito de Pinheiro: preso na Operação Capistrum

OPERAÇÕES DA POLÍCIA CONTRA O PREFEITO

2017 Malebolge
Mensalinho do prefeito

2018 Sangria
Esquemas na saúde

2019 Overlap
Secretaria de Educação e Procuradoria

2020 Overpriced
Compras do Kit Covid

2021 Curare, Autofagia e Colusão
Corrupção na Saúde

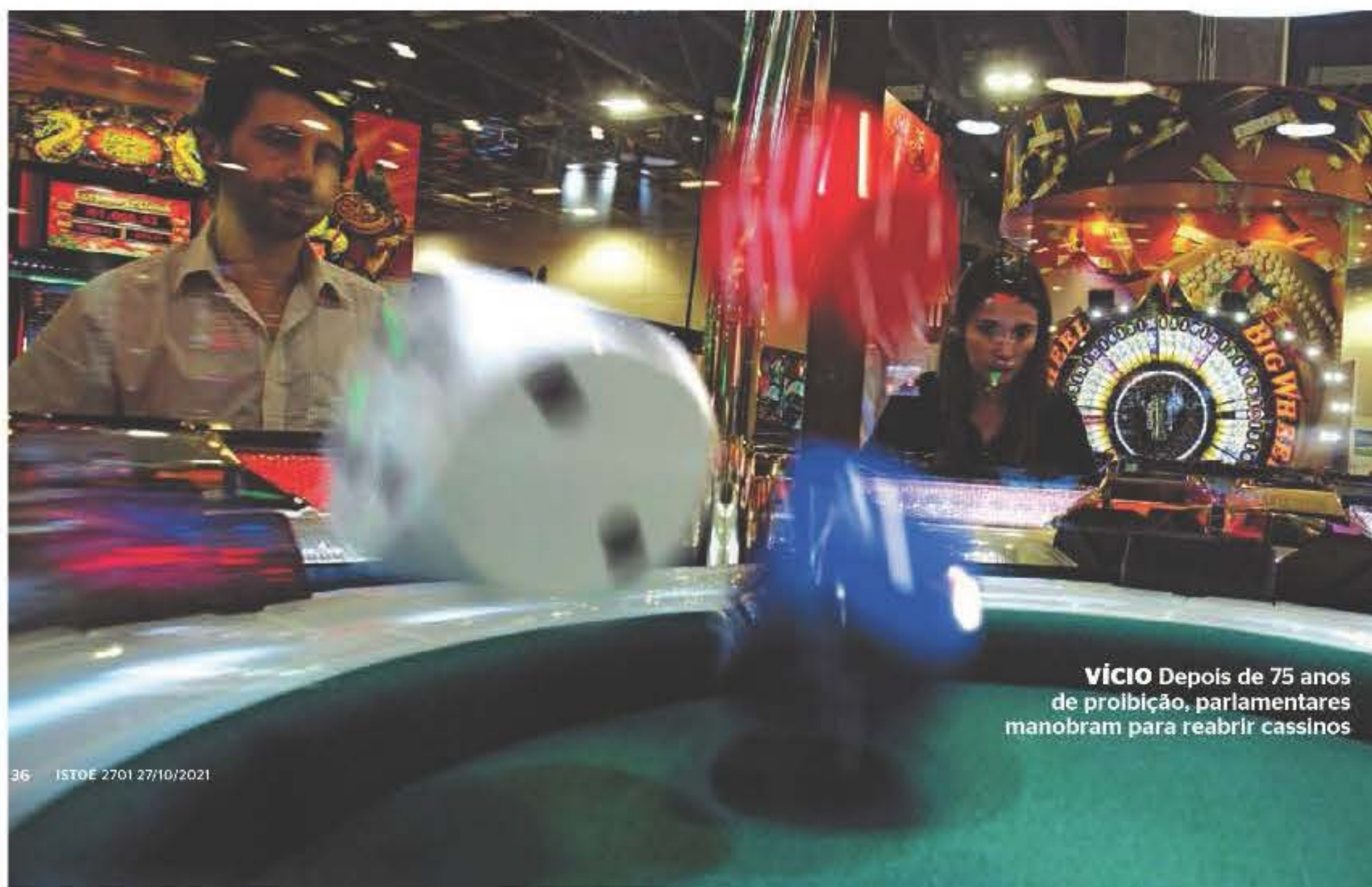
Sinal Vermelho
Contrato de semáforos

DELATOR Huark Correia: acusações de contratações indevidas contra Pinheiro

O retorno da Jogatina

Em meio a conflitos ideológicos nos bastidores do governo, Congresso acelera tramitação de projetos de legalização de jogos de azar e tenta mudar uma das leis mais longevas do País

Vinícius Mendes

Até o começo dos anos 1940, o Rio de Janeiro figurava como um dos destinos mundiais para apostadores. Os prestigiados cassinos da então capital do Brasil eram usados para reuniões políticas, recepções a convidados estrangeiros e até shows exclusivos, como os que Carmen Miranda fez no fim daquela década no antigo Cassino da Urca. No entanto, três meses depois de chegar à presidência, em 1946, Eurico Gaspar Dutra, apoiado pelo Congresso e por boa parte da imprensa, assinou um decreto proibindo os jogos de azar no país. No texto, dizia que a "tradição moral, jurídica e religiosa" dos brasileiros era incompatível com eles. Mais do que isso, afirmava que "povos cultos" não

VÍCIO Depois de 75 anos de proibição, parlamentares manobram para reabrir cassinos

NEGOCIAÇÃO Proposta do ministro Ciro Nogueira tenta liberar todos os tipos de jogos

toleravam esse tipo de prática. A lei vigorou por 75 anos, mas agora está perto de ser mudada – e por força de atores políticos relevantes, como o presidente da Câmara, Arthur Lira, o ministro-chefe da Casa Civil, Ciro Nogueira, e o senador Flávio Bolsonaro, filho mais velho do presidente Jair Bolsonaro.

CINCO PROJETOS

Hoje, ao menos cinco projetos tramitam no parlamento em torno da legalização dos jogos no País. O mais relevante deles é o que deu origem a um grupo de trabalho na Câmara, criado por Lira, para colocar em votação ainda no mês que vem um projeto (PL 442/1991) arquivado há cinco anos. Se aprovado, tornará legal todos os tipos de jogatinas – de cassinos a bingos. Em paralelo, tramitam no Senado duas propostas semelhantes: uma de Nogueira, que também libera todos os jogos, e que já foi reprovada, em 2018, pela Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania (CCJ), mas voltará à pauta, e outra do senador Irajá Abreu, que pretende abrir o mercado apenas para cassinos que funcionem dentro de resorts turísticos. Seu plano original é que cada estado tenha apenas um único complexo desse tipo.

A pauta, no entanto, trouxe à tona conflitos internos no Palácio do Planalto. De um lado estão os evangélicos, que se posicionam fortemente contra qualquer mudança na lei. Eles são apoiados por parte da ala militar do governo e ainda se amparam na posição do Ministério Público Federal, que já deixou claro ser contrário aos projetos. Os argumentos são contundentes: a volta dos jogos seria uma nova oportunidade para o crime organizado lavar dinheiro e traficar drogas, além do problema do vício. De outro lado estão ministros como Paulo Guedes, da Economia, e Gilson Machado, do Turismo, além de Flávio – que liderou uma comitiva a Las Vegas (EUA), em setembro de 2020, para conhecer alguns dos cassinos mais opulentos da cidade.

Apesar de não manifestar sua posição, Bolsonaro gosta da ideia da volta dos cassinos. "Ele é favorável. É que precisa dar satisfações para a bancada evangélica", conta o advogado Paulo Melo. Ele trabalhou como assessor da ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, Damares Alves, até meados deste ano e, como ela, atua para impedir a legalização. Há outros interesses sendo manejados: enquanto parte do governo quer a legalização total dos jogos, outra parte, inclusive Flávio, defende a proposta dos resorts integrados – modelo ao qual foi apresentado pelo bilionário americano Sheldon Adelson, em Las Vegas. Um dos principais apoiadores de Donald Trump, o empresário morreu em janeiro, aos 87 anos, com os olhos voltados para o Brasil. A mudança na lei será resultado de todas essas disputas de forças. "O grande desafio é definir regras claras para o setor", diz Magno José, do Instituto Jogo Legal. ■

LOBBY Junto com o deputado Helio Negão, Flávio Bolsonaro liderou comitiva para Las Vegas

OS PROJETOS EM TRAMITAÇÃO HOJE

CÂMARA: PL 442/1991 (SUBSTITUTIVO)
AUTOR: Guilherme Mussi (PP-SP)
Aprovado ainda em 2016 por uma comissão especial da Casa, texto libera todos os tipos de jogos de azar no País. Estava parado, mas voltou à tona por meio de grupo criado por Arthur Lira em setembro

SENADO: PL 4495/2020
AUTOR: Irajá Abreu (PSD-TO)
Ainda dependendo de análise do plenário, projeto legaliza apenas cassinos dentro de resorts turísticos, sendo um por estado.

SENADO: PL 186/2014
AUTOR: Ciro Nogueira (PP-PI)
Desaprovado pela CCJ em 2018, texto ainda está em tramitação. Teor é semelhante à proposta do grupo de Lira: legalizar cassinos, bingos e jogo do bicho, entre outros.

FOTOS: BOBBY YIP/REUTERS; MATEUS BONOMI/AGIF VIA AFP; REPRODUÇÃO

e conteúdo

www.motorshow.com.br

A melhor informação para os apaixonados por velocidade, com notícias sobre os esportes a motor, conselhos para o consumidor e avaliações detalhadas sobre os carros à venda no Brasil.

Capas ilustrativas

www.dinheirorural.com.br

A mais completa revista sobre o agronegócio, informando e contribuindo para fortalecer os empresários e investidores do campo.

Todas as informações sobre o mundo das artes visuais e cultura contemporânea no Brasil e no mundo, com projeto gráfico ousado.

www.select.art.br

Assine

Seja o primeiro a receber a melhor informação. Assine pelos telefones **(11) 3618-4566 (SP), 0800 888-2111 (Interior) e 4002-7334 (Demais Capitais),** de segunda a sexta das 10h às 16h20 e sábados das 9h às 15h ou acesse **assine3.com.br**

Para anunciar

Conecte sua marca ao público mais qualificado do segmento. Entre em contato com nossa equipe e anuncie. **(11) 3618-4269**

RONDÔNIA
Enfraquecimento dos órgãos de fiscalização: deterioração ambiental

O Brasil vai sem nada

Prestes a passar por mais uma vergonha mundial, o País não levará à COP 26 nenhuma proposta séria e construtiva de melhora ambiental. Deverá apresentar números falsos e sofrerá nova pressão internacional para agir com responsabilidade

Antonio Carlos Prado e Mariana Ferrari

Sem proposta na mão e também sem ideia na cabeça, adaptando-se aqui o lema do Cinema Novo à política velha de Jair Bolsonaro, a delegação do governo brasileiro desembarcará nos próximos dias na cidade de Glasgow, a maior da Escócia e terceira mais populosa do Reino Unido, para participar da 26ª Conferência da ONU sobre Mudanças Climáticas (COP 26). Mesmo antes de o evento começar, o que se dará no dia 31 desse mês, a mídia internacional já iniciou a publicação de notícias nada abonadoras sobre o País. Em direção à COP - uma reunião de líderes na qual, embora se trate de assuntos técnicos relacionados ao meio ambiente são igualmente importantes as discussões e os compromissos políticos - voltam-se todos os holofotes. É natural, assim, que o Brasil torne-se centro de críticas e perplexidades. "A imagem do País está muito desgastada no exterior", diz Virgílio Viana, superintendente-geral da Fundação Amazônia Sustentável e um dos assessores do papa Francisco na questão climática. "Há uma pressão muito forte para que o governo federal mude a narrativa que ancora o aumento do desmatamento".

O mundo sabe que, em meados de junho, o vice-presidente Hamilton Mourão pediu reiteradas vezes ao presidente Bolsonaro que o indicasse como chefe da delegação, até porque é ele quem comanda o Conselho Nacional da Amazônia Legal. Bolsonaro o desprezou completamente e, com isso, passou às autoridades

DESTRUIÇÃO

O aumento do desmatamento em todo o estado do Amazonas foi de

46% entre 2020 e 2021

Fonte: INPE/Deter

O INEXPERIENTE O ministro Joaquim Leite: fora de órbita

ligadas à COP duas péssimas impressões, se analisadas politicamente. A primeira: não prestigia o seu próprio vice-presidente; a segunda: não prestigia o evento. Quem capitaneará a delegação? Até a quinta-feira 21, por incrível que pareça, o nome não estava definido. O ministro do Meio Ambiente, Joaquim Leite, que deveria estar à frente de um trabalho efetivo para minimizar a deterioração ambiental no País, diante de um mundo cada vez mais preocupado com esse tema, segue fora de órbita. Leite não tem nenhuma experiência executiva, acata tudo que vem de Bolsonaro e, na verdade, pouco fez para mudar a predatória política de Ricardo Salles, a quem sucedeu. "O Brasil chegará à COP com um Estado muito frágil e uma política ambiental que não corresponde às demandas internacionais", diz Maureen Santos, coordenadora do Grupo Nacional de Assessoria da ONG FASE, organização internacionalmente reconhecida pela forte atuação na defesa do meio ambiente. "Corremos sério risco de passar muita vergonha".

Também não está repercutindo bem no exterior a discussão do governo brasileiro sobre a possibilidade de levar a Glasgow quatro agentes da Agência Brasileira de Inteligência (Abin). Isso aconteceu em 2019, e não engrandeceu em nada o País: militares monitorarem uma conferência de natureza civil? Monitorarem até delegações estrangeiras? Foram membros do Itamaraty que dissuadiram Bolsonaro, e ninguém da Abin irá à COP 26. Tanto melhor, porque aquilo que o governo brasileiro tinha de levar, de fato, que são dados concretos de redução na emissão de gases causadores do efeito estufa, além de novas propostas exequíveis nessa área, nada disso seguirá na bagagem da comitiva, uma vez que a visão de meio ambiente tida pelo governo federal é cada vez mais arrasadora: somente no ano passado, o Brasil registrou o maior número de queimadas em uma década: mais de duzentos e vinte e dois mil focos de incêndios. Ao perceber que o cenário não está nada favorável, Bolsonaro tentou enganar o mundo na semana passada anunciando uma parceria com o presidente da Colômbia, Iván Duque, com quem teve um encontro no Palácio do Planalto: "Chegaremos unidos em Glasgow para tratarmos de um assunto muito importante para nós: nossa querida, rica e desejada Amazônia". Claro que não enganou sequer uma árvore.

O governo chegou a cogitar em levar a Glasgow agentes da Abin para monitorar delegações estrangeiras. A aberração seria tão grande que o Itamaraty fez Bolsonaro mudar de ideia

O LAVRADOR DE CINZAS

Falando em enganação, a comitiva levará, isso sim, "pedaladas climáticas". Os números que serão apresentados sobre emissão de gases causadores do efeito estufa saíram de cálculos feitos com base no 2º Inventário Nacional (2005), desprezando atualizações mais precisas do 3º e último Inventário (2020). Resultado: o governo brasileiro falará em emissão de 2,1 bilhões de toneladas de dióxido de carbono, enquanto o correto seriam 2,8 bilhões de toneladas. Torna-se automaticamente falseado, dessa forma, o compromisso de redução em 37% das emissões até 2025 e em 43% até 2030. "Um discurso mentiroso na ONU não sobrevive a dois minutos de Google", diz Marta Suplicy, secretária municipal de Relações Internacionais, de São Paulo. "É constrangedor o fato de o governo federal tentar fazer de palhaços os interlocutores internacionais". É também em São Paulo que as lorotas que serão contadas na COP já começaram a ser denunciadas em espaço público. O grafiteiro, artisticamente chamado Mundano, fez, na fachada de um prédio, uma releitura da obra "O Lavrador de Café", de Cândido Portinari. Para mostrar que nossas florestas estão sendo destruídas, ele cobriu a pintura com duzentos e vinte quilos de fuligem, colhidos em diversos biomas degradados. ■

FOTOS: UESLEI MARCELINO/REUTERS/FOTOARENA;

"Eu sei onde você m

MEDO
A divulgadora científica Mellanie Dutra recebeu ameaças de morte

Cientistas e técnicos responsáveis que dão informações úteis e esclarecedoras sobre a pandemia, e que contrariam os negacionistas do governo, estão sendo sumariamente perseguidos por grupos radicais de direita. É o caso da biomédica gaúcha Mellanie Fontes-Dutra, que se tornou uma divulgadora científica depois do aparecimento do coronavírus. Sua conta no Twitter, que tinha pouco menos de dois mil seguidores antes da doença, saltou para 20 mil assim que surgiu o primeiro brasileiro contagiado, em fevereiro do ano passado. Mellanie ficou à frente de um dos primeiros centros de informações sobre o vírus – a Rede Análise Covid-19. Junto com a popularidade, porém, vieram os ataques digitais. "Recebia muitas mensagens machistas, por exemplo, dizendo que uma mulher não deveria estar ocupando aquele lugar", conta. Em agosto de 2020, o tom aumentou quando um perfil falso a ameaçou por conta de sua defesa da vacinação. "Ele dizia que sabia onde eu morava e que eu e minha família estaríamos em risco se eu não parasse de falar sobre a vacina". Mellanie não apenas limpou suas redes sociais como passou semanas com medo de sair de casa. Isso, porém, não a impediu de ser escolhida como um dos cinco principais influenciadores sobre a Covid-19 no ano passado, segundo o Instituto Brasileiro de Pesquisa e Análise de Dados (IBPAD).

"Minha família corria risco se eu não parasse de falar da vacina"

A mesma coisa aconteceu com o médico oncologista Bruno Filardi, do Instituto do Câncer, em São Paulo. Até a chegada da pandemia ao País, sua conta no Twitter era pequena. Conforme ele ia se

ora”

Ataques digitais, ameaças de morte e agressões físicas atingem cientistas que foram a público confrontar informações falsas sobre a Covid-19. Com medo, muitos mudam de casa ou saem das redes sociais

Vinicius Mendes

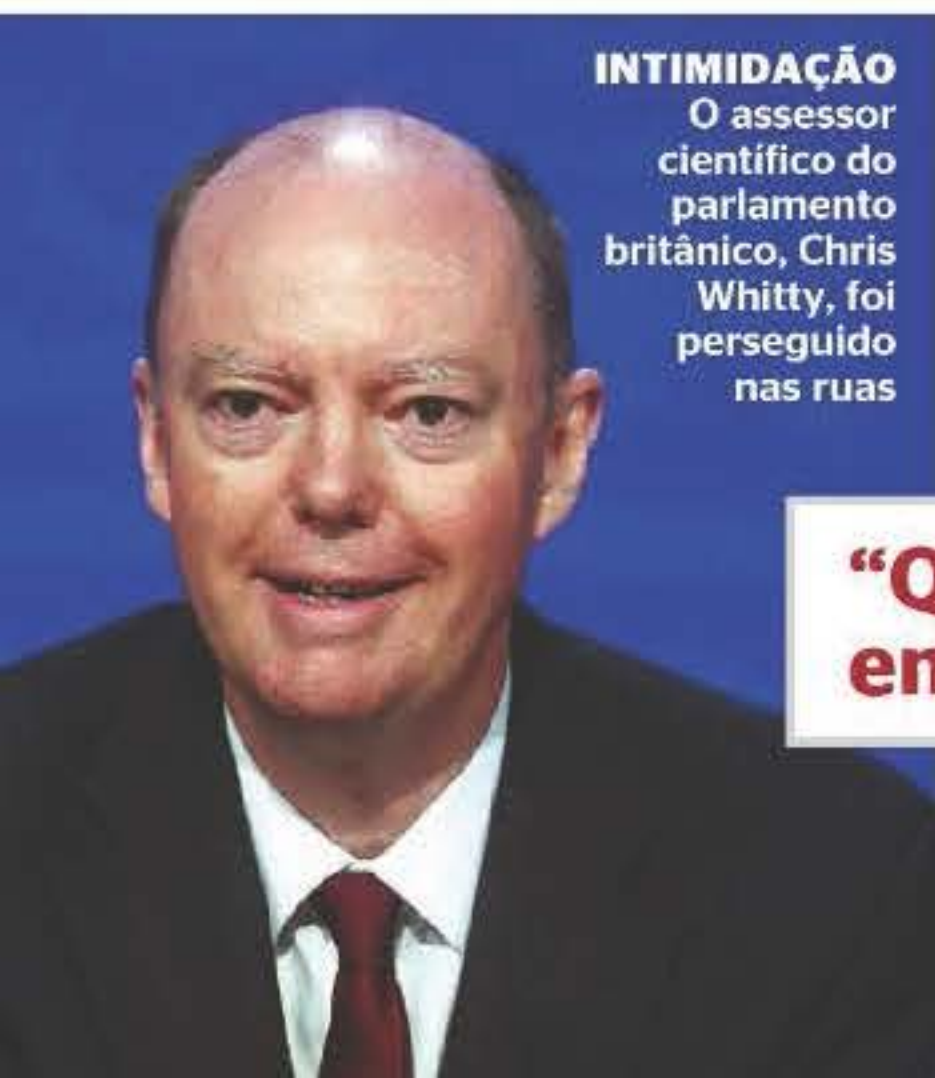
“Há tentativas organizadas de derrubar o site de nossa revista”

compartilhando descobertas científicas na conta, no entanto, mais gente passava a segui-lo. Hoje, são mais de 60 mil. Na mesma medida, vieram os ataques constantes. “As pessoas passavam o limite do aceitável”, diz. Em meados deste ano, quando já estava relativamente acostumado com a dinâmica da rede social, passou a receber telefonemas anônimos. “Eram atitudes agressivas que a gente vê no dia a dia das mídias sociais”, revela.

Casos como esses não foram isolados e sequer aconteceram apenas no Brasil, onde as campanhas públicas do governo Bolsonaro contra a vacinação e o uso de máscaras incitaram seus apoiadores a promover linchamentos virtuais e até ameaçar cientistas como Mellanie e Bruno. Em um estudo publicado nesta semana pela prestigiada revista Nature, 15% dos 321 pesquisadores ouvidos no mundo todo contaram ter recebido ameaças de morte depois que apareceram em algum tipo de mídia defendendo medidas no combate ao vírus, como vacinas e distanciamento social. Ao menos 20% deles disseram que pararam de falar publicamente sobre a doença depois dos ataques.

A publicação também conta episódios graves, como o da médica Krutika Kuppalli, que recebeu continuadas ligações com ameaças de morte enquanto trabalhava na Universidade da Carolina do Sul (EUA), em 2020. À época, ela era uma das vozes ativas sobre a condução da pandemia pelo governo Trump na mídia americana. Com medo, ela se mudou para a Suíça. Já Anthony Fauci, chefe do Instituto Nacional de Alergia e Doenças Contagiosas dos EUA (NIAID, em inglês), foi mais além: contratou seguranças pessoais para se deslocar. No Reino Unido, o ex-assessor científico do Parlamento, Chris Whitty, foi agredido por dois homens enquanto caminhava em um parque de Londres. Semanas antes, ele havia sido atacado por um rapaz na rua que o perseguiu enquanto gritava: “Quero ver você mentir em público de novo!”.

COVARDIA
Natália Pasternak se tornou alvo de ataques quando passou a criticar o tratamento precoce

A Nature ainda cita uma brasileira: a microbiologista Natalia Pasternak, fundadora do Instituto Questão de Ciência (ICQ), que se tornou uma das principais referências do País no combate à Covid-19. Em 2020, ela se tornou a única brasileira a fazer parte do Comitê para a Investigação Cética (CSI, em inglês), grupo de cientistas criado nos EUA, nos anos 1970, para combater pseudociências. Pasternak se tornou alvo dos ataques quando passou a ser voz crítica ao “tratamento precoce” defendido por Bolsonaro. “Há tentativas organizadas de derrubar o site da revista sempre que publicamos algo contra o presidente”, diz. Em janeiro, uma apoiadora de Bolsonaro chegou a processá-la depois que ela o chamou de “peste” em live no YouTube. O processo, sabiamente, foi arquivado. ■

INTIMIDAÇÃO
O assessor científico do parlamento britânico, Chris Whitty, foi perseguido nas ruas

“Quero ver você mentir em público de novo!”

FOTOS: ANDRE FELTES; DANIEL TEIXEIRA/ESTADÃO CONTEÚDO; HANNAH MCKAY/POOL/REUTERS/FOTOARENA

Novas lideranças negras

Para se eliminar de vez o racismo estrutural, ainda há um longo caminho a percorrer. Mas o empenho de universidades, empresas e considerável parcela da sociedade civil contra o preconceito começa a dar resultados concretos para o fortalecimento da democracia

Mariana Ferrari

Foram décadas, ou melhor, séculos para que sociedades estruturalmente racistas olhassem para suas entranhas. Mas pode-se dizer que jamais se jogou tanta luz sobre o preconceito como se faz atualmente. A discriminação racial está sendo atacada de frente e a humanidade começa a dar os primeiros passos para compreender dois importantes fenômenos históricos: sim, o racismo existe e sim, ele tem de ser combatido. A positiva movimentação rumo à equidade teve início quando pretos conseguiram ingressar nas universidades e conquistaram o primeiro diploma de curso superior entre as famílias que integram. Ou seja: é a educação a base de tudo. No Brasil, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, atualmente 27% dos estudantes universitários são mulheres negras. Em 2001, elas respondiam apenas por 19% das matrículas em ensino superior. Apesar dos ganhos, ainda há muita estrada a ser percorrida para que a democracia racial, tanto no Brasil quanto em diversos outros países, seja atingida em sua plenitude. "Isso é fruto de uma transformação cultural, muito lenta e incompleta, mas que está construindo uma nova realidade", diz José Vicente, reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares. "O que permite essa mudança é, de forma insubstituível, o acesso à educação."

Foi pensando nisso que o Prêmio Most Influential People of African Descent (Mipad), apoiado pela Organização das Nações Unidas, decidiu nomear os cem negros mais influentes do planeta – e, dentre eles, destacam-se onze brasileiros. O objetivo da premiação, de acordo com seus organizadores, é incentivar ações afirmativas para que, no futuro, ninguém mais se declare surpreso ao ver negros ocupando cargos executivos ou de chefia em poderosas empresas. "Essa nova geração ainda vai ter de lutar muito porque há pessoas que se negam a aceitar o avanço da sociedade", diz Adilson dos Santos Júnior, especialista em Marketing Digital e um dos contemplados pelo Mipad. Ele reconhece que existe atualmente uma maior e crescente valorização dos negros, ainda que o racismo teime, volta e meia, em mostrar suas garras. Conhecido nas redes sociais como Ad Júnior, ele sabe que não começou do zero a sua jornada. Se encontrou pronto o sistema de cotas nas universidades brasileiras, que, em 2012, tiveram de

"Essa nova geração terá de lutar muito."

Ad Júnior, especialista em markeing digital

FOTOS: CHICO FERREIRA; CLAUDIO GATTI

adotá-lo por força de lei, é porque gerações anteriores ergueram essa bandeira: Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, Abdias do Nascimento, Lima Barreto são alguns dos pioneiros distantes, entre muitos outros nomes. No Brasil, a resposta ao racismo começou já dentro das senzalas e continuou após a Lei Áurea, que libertou em 1888 todos os escravizados. "A revolução que os negros estão fazendo nesse País é a da vitória e não a da vingança", explica Ad Júnior. "O que pedimos é a ocupação de espaços relevantes, porque temos mérito e talento para isso." Ele afirma que exemplos como o de Rachel Maia, CEO da RM Consulting (responsável pelos conselhos administrativos da Vale e do Banco do Brasil), devem deixar de ser exceções. E com ele concorda plenamente a própria Rachel: "O meu legado será ampliar o número de mulheres negras em postos de liderança".

A questão racial angariou espetacular nível de atenção recentemente a partir do surgimento nos EUA do movimento "Black Lives Matter", uma reação ao assassinato do negro George Floyd pelo policial branco Derek Chauvin. A morte de Floyd acendeu uma chama em todo o mundo e manifestações explodiram em diversos países, trazendo de volta palavras de ordem de antigos grandes líderes, muitos assassinados, como, por exemplo, Martin Luther King. E também ícones atuais da democracia racial influenciaram o Black Lives Matter, como Angela Davis, Bell Hooks, Barack Obama e Patricia Hill Collins. A primeira consequência disso tudo é que empresas começaram a abrir vagas somente para candidatos negros, universidades ampliaram suas bolsas de estudo e o aumento da representatividade virou quase uma obrigação. As empresas conquistam ganho institucional ao provarem que abominam o racismo, mas tal ganho não significa que o ato de elas empregarem pretos seja oportunista. Ao contrário: é prova que o preconceito está de fato morrendo em muitas almas que antes sequer se questionavam sobre isso - a decorrência desse fato é o fortalecimento de novas lideranças negras. "Ter pessoas pretas ocupando postos de comando é mudar a lógica do racismo estrutural, é quebrar um sistema que foi construído para nos desprivilegiar", diz Taísa Silveira, especialista em comunicação de redes sociais e mestre em antropologia pela Universidade Federal da Bahia. "Não faz sentido chegar ao topo se, ao meu lado, não existir mais ninguém igual a mim." ■

"Quero ampliar o número de mulheres negras em cargos de poder."

Rachel Maia, CEO da RM Consulting

GUERRA SANTA Na luta contra os muçulmanos, católicos **europeus tentavam reconquistar Jerusalém**

A espada dos templários

Mergulhador acha artefato bélico que teria pertencido a um cavaleiro das Cruzadas há 900 anos. Encontrado em Israel, ele será restaurado e exposto ao público

Taísa Szabatura

Imagine sair para dar um mergulho e dar de cara com uma arma mortal dos tempos dos cavaleiros templários? O acontecimento, que parece ter saído de um livro de Dan Brown, intrigou boa parte do mundo, já que foi vista em águas rasas no norte de Israel. Como tal tesouro não havia sido encontrado ainda? Acredita-se que o objeto, incrustado com organismos marinhos, ressurgiu após o deslocamento das areias do Mediterrâneo. As Autoridades de Antiguidades de Israel (IAA) disseram em nota que, uma vez limpa e analisada, a relíquia medieval será colocada em exibição pública.

A lâmina de 1,20 metro de comprimento e pesando um quilo e meio foi descoberta por Shlomi Katzin, em Haifa, cidade portuária do país. Com sua câmera "GoPro" acoplada na testa, Katzin disse às autoridades locais que jamais imaginou encontrar algo tão valioso. Como em Israel há uma lei definindo que todo artefato histórico deve ser entregue à nação, o mergulhador fez apenas um pedido: tirar uma foto segurando a agora histórica arma branca. Produzida em ferro, os especialistas e historiadores israelenses que a observaram, acreditam que ela deve ter sido usada na Terceira Cruzada, também conhecida como a Cruzada dos Reis.

Iniciada em 1189, teve a participação de Filipe Augusto, da França, Ricardo Coração de Leão, da Inglaterra, e Frederico I, o Barba-Ruiva, que comandava o Sacro Império. Para Sérgio Ribeiro, professor de História da Universidade Mackenzie, apesar de não terem capturado Jerusalém, abriram diversas rotas comerciais. "Isso sem falar nas outras cruzadas, não havia só guerreiros, mas também peregrinos e pessoas procurando objetos valiosos de Cristo, como o Santo Graal", diz. As Cruzadas começaram em 1095 e duraram séculos. Cristãos europeus tentavam tomar o controle de Jerusalém das mãos muçulmanas. Se a espada, objeto de ferro, caríssima para ser produzida naquela época, esteve mesmo nas mãos de algum dos cavaleiros templários — aqueles que usavam roupa branca com uma cruz vermelha — caberá apenas aos historiadores decidirem. ■

TROFÉU O descobridor do objeto, o mergulhador Shlomi Katzin exibe o achado

FOTOS: DIVULGAÇÃO; REPRODUÇÃO

Uber é nova parceira da Minu

Empresa de marketing de recompensas já acumula mais de 100 grandes marcas no seu catálogo digital.

A plataforma da Uber agora faz parte da nuvem de recompensas da Minu, empresa de marketing de recompensas que disponibiliza centenas de marcas em seu portfólio digital.
As empresas que são clientes da Minu e que quiserem utilizar os produtos da Uber nos seus programas de recompensas e ações de incentivos, poderão oferecer aos consumidores descontos em pedidos de viagens e delivery.
Com essa novidade, a Minu continua criando oportunidades para as empresas parceiras, que possuem acesso a um robusto canal de distribuição e divulgação das suas ofertas, e para seus clientes, que podem oferecer aos consumidores recompensas diversificadas e relevantes para fidelização e relacionamento.
A Minu iniciou suas atividades com **entrega de bônus para celular,** mas em 2017 vivenciou uma evolução do seu negócio. *"Há 4 anos decidimos ampliar o nosso escopo e aumentar as possibilidades de entregas do portfólio. O resultado foi que praticamente dobramos o número de parceiros nos últimos dois anos. Hoje, temos um catálogo digital muito mais robusto e diversificado, e nosso objetivo é seguir incluindo marcas líderes de mercado com alto poder de engajamento, com ofertas que atendam necessidades distintas dos consumidores e por meio de um sistema fácil de resgate das recompensas"*, explica Eduardo Jacob, CEO da Minu.
O portfólio também inclui parceiros como **Polishop, Deezer, Magalu e Editora 3** – responsável por publicações como IstoÉ, IstoÉ Dinheiro, Dinheiro Rural, Motor Show e Go Outside. E a carteira de clientes atuais contempla empresas como **Banco do Brasil, Carrefour e Kwai,** que utilizam a Minu para suas ações de recompensas e programas de benefícios.

Quer ser um cliente Minu e ter acesso à nuvem de recompensas com grandes marcas? Acesse: **www.minu.co**

Sobre a Minu

A Minu é uma empresa de marketing de recompensas, com sede em São Paulo e escritórios em Belo Horizonte e Brasília. Desde 2007, utiliza tecnologia própria e estudo do comportamento humano para conectar pessoas e marcas, construindo relações e criando experiências únicas. Seu catálogo digital possui centenas de parceiros e mais de 600 recompensas.
Saiba mais: **www.minu.co**

minu Uber

As relíquias de Al Capone

Netas do gângster vendem 174 objetos que pertenceram ao criminoso que aterrorizou Chicago há quase cem anos e deixou uma grande fortuna de herança; carta ao filho Sonny revela pai afetuoso

André Lachini

Considerado um ícone dos Estados Unidos durante a Lei Seca, o mafioso Al Capone ainda é notícia, mais de 70 anos após morrer de sífilis na Flórida. As quatro netas de Capone fizeram um leilão de 174 objetos pessoais do lendário gângster que aterrorizou o submundo de Chicago nos anos 1920 e arrecadaram mais de US$ 3 milhões (R$ 16,6 milhões). O objeto considerado mais valioso, uma pistola Colt semi-automática calibre 45, foi arrematada por US$ 1 milhão. Entre outras reliquias vendidas estão um relógio de bolso, um canivete com 20 diamantes, um umidificador de charutos e cartas que escreveu para o filho único Sonny, quando esteve preso na cadeia de Alcatraz.

Uma das netas do famoso mafioso, Diane Capone, de 77 anos, disse que a decisão de leiloar os objetos foi tomada porque elas envelheceram e acreditam que não conseguirão mais guardá-los com segurança. Elas vivem no norte da Califórnia, estado americano atingido por incêndios florestais que destruíram milhares de casas. Diane disse que uma carta que Capone escreveu para o filho Sonny foi arrematada por US$ 45 mil. Segundo ela, a carta é "adorável" e revela o amor de um pai por um filho. "Estas não são palavras e ideias de um gângster implacável, mas de um pai afetuoso", disse Diane à emissora americana ABC.

Capone, contudo, foi mesmo um marginal impiedoso e violento. Suspeito de vários assassinatos, ele foi preso e condenado apenas por evasão fiscal, após uma caçada exaustiva conduzida pelo agente Eliot Ness, que liderava a equipe chamada de "Os Intocáveis", imortalizada no filme de mesmo nome feito por Brian De Palma em 1987. Mesmo assim, ele terminou a vida milionário e deixou uma fortuna de herança.

Dançarina de bronze US$ 3,6 MIL

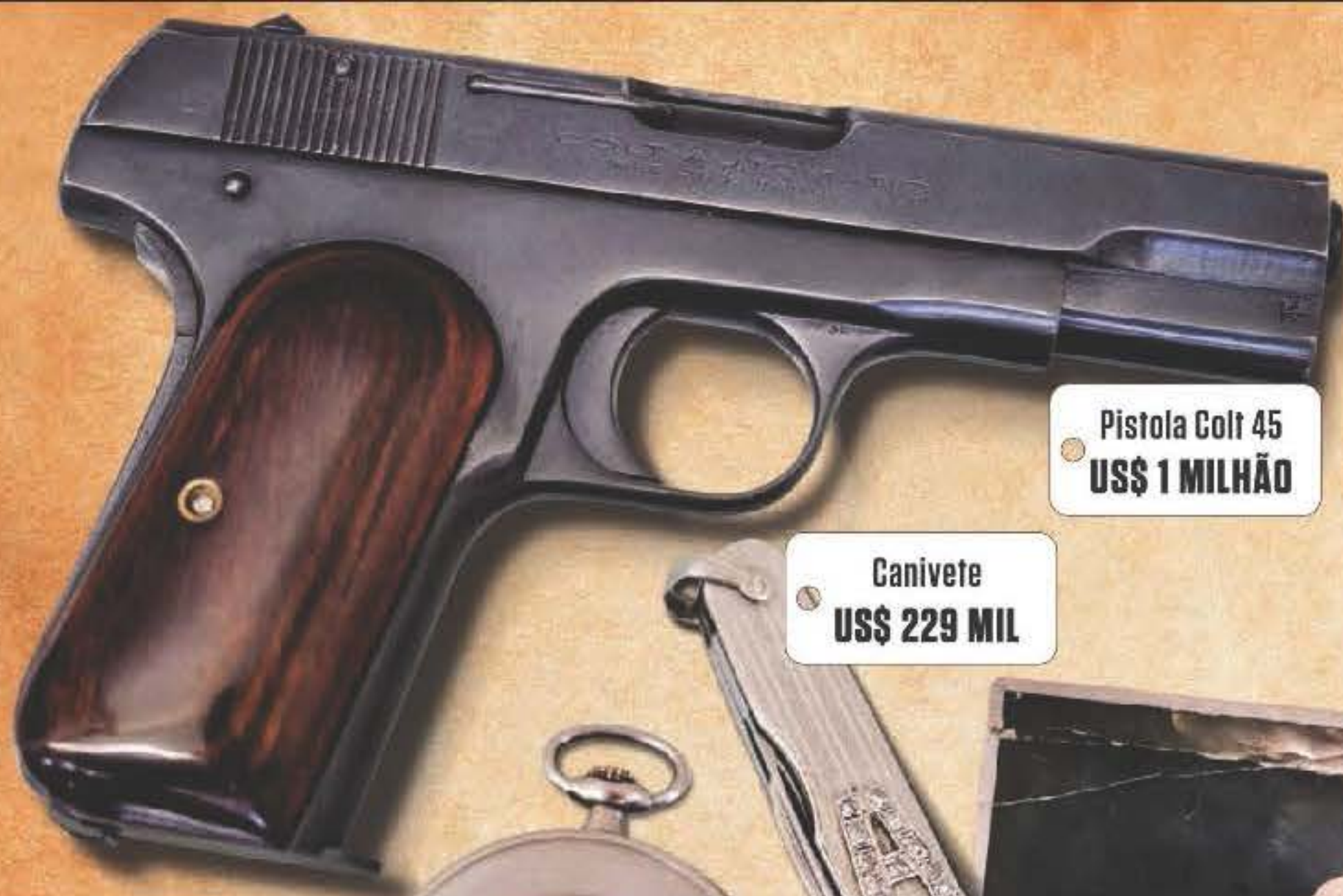
Nascido em 1899, em Nova York, filho de um casal de imigrantes da província de Salerno, no Sul da Itália, Alphonse Capone cresceu nas ruas do Brooklyn, que na época era um bairro proletário de Nova York. Rebelde, agrediu uma professora aos 14 anos e foi expulso da escola. Na época, já andava com a gangue de Frank Yale (Francesco Ioele), um bandido calabrês temido pela violência em Manhattan e líder da gangue Five Points.

Mas Capone e Yale tinham origens na Itália continental, e quem mandava no submundo nos dois lados do Atlântico era a Cosa Nostra, a máfia siciliana. Capone trabalhou para Yale por sete anos no bar "Harvard Inn", onde a gangue dos Five Points se reunia. Foi neste período que, esfaqueado no rosto em uma briga com irlandeses, ganhou o apelido "Scarface" (cicatriz). Curiosamente, a namorada de Capone, Mae Coughlin, era de origem irlandesa. Os dois se casaram em 1918, quando ela teve o filho único do casal, Albert Francis Capone, o "Sonny".

Em 1919, Capone foi enviado por Yale para Chicago, onde virou o braço direito de John Torrio (Giovanni Torrio), que controlava os bordéis na próspera metrópole do Meio-Oeste dos EUA. Apelido de "Papa Johnny", Torrio era "consegliere" (conselheiro) da família Genovese, uma das cinco da Cosa Nostra de Nova York. Com a ajuda de Capone, que virou seu braço-direito, Torrio foi suspeito de assassinar Jim Colosimo, que controlava o lucrativo negócio clandestino da venda de álcool. Em 1920, a produção e comércio de bebidas foram proibidos, uma forma ineficaz de controlar a epidemia de alcoolismo. A Lei Seca durou até 1933. A polícia de Chicago olhava para o lado e a Cosa Nostra fez fortuna com o negócio ilegal.

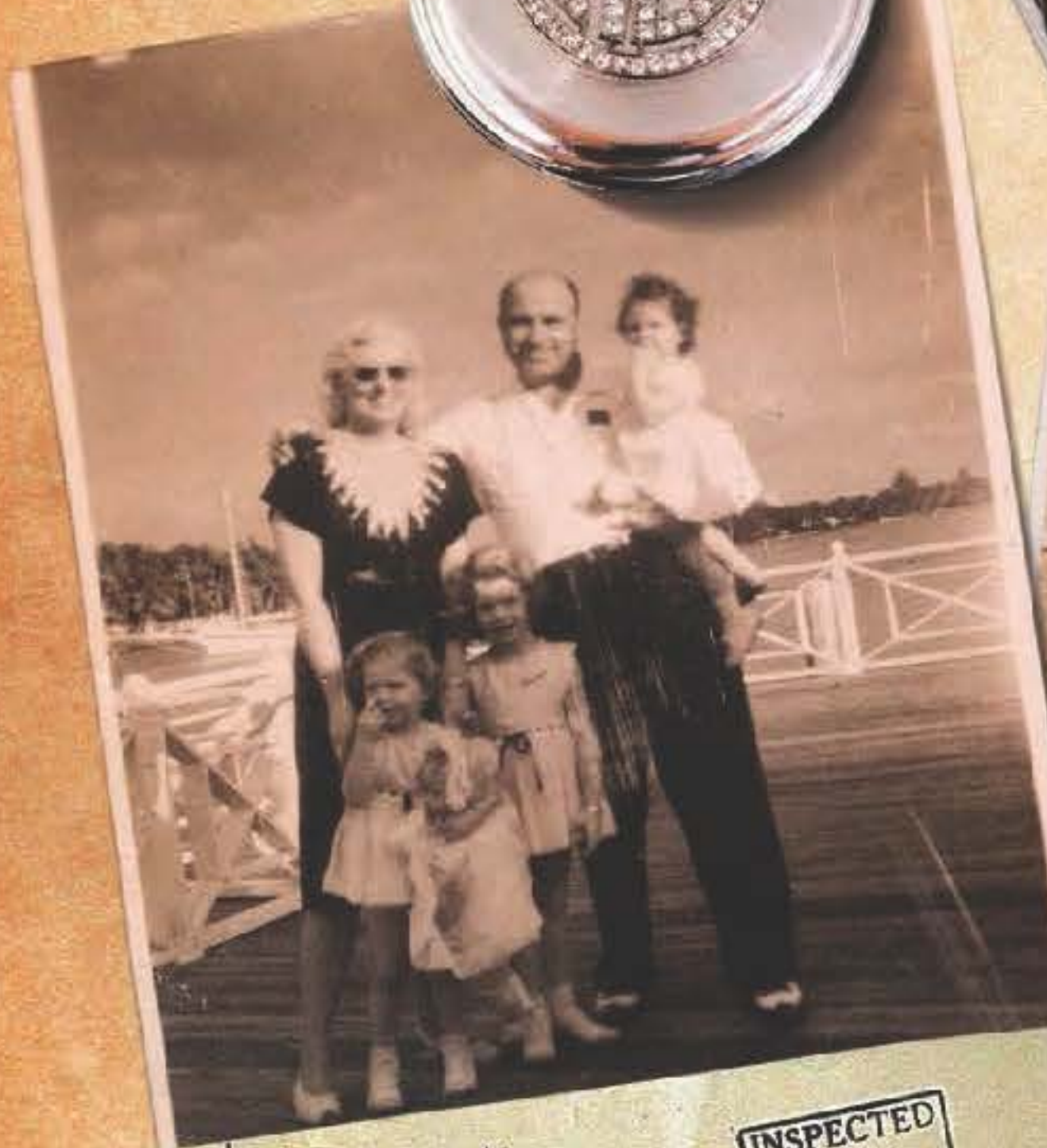
Com a Polícia de Chicago subornada e o apoio da família Genovese, Capone começou a exterminar as gangues irlandesas e os rivais que tentassem vender bebida. O ponto alto desta guerra aconteceu no Massacre de São Valentim, quando sete membros da "Gangue do Lado Norte" foram metralhados em uma garagem, em 14 de fevereiro de 1929. O crime chocou os EUA e atraiu a atenção para Capone. Em 1931, foi finalmente preso e acusado de sonegação fiscal, recebendo 11 anos de sentença — cumpridos, a partir de 1934, em Alcatraz. Capone sofria de sífilis e tuberculose. Em 1939 foi libertado e viveu o resto da vida na sua mansão em Miami. O sucesso do leilão, onde os objetos foram vendidos acima do preco inicial, revela a popularidade de Capone até hoje. É curioso notar que criminosos muito mais violentos e poderosos surgiram nas décadas seguintes, como o mafioso siciliano Salvatore Riina e o traficante colombiano Pablo Escobar. Mas nenhum conseguiu virar um mito como Capone. ■

FOTOS: ANIBAL MARTEL/ANADOLU AGENCY VIA AFP; NICK OTTO/AFP; RICH PEDRONCELLI/AP PHOTO

JÓIAS DA COSA NOSTRA

Pistola Colt 45
US$ 1 MILHÃO

Clip de notas
US$ 54,9 MIL

Canivete
US$ 229 MIL

Relógio de ouro
US$ 230 MIL

Carta
US$ 45 MIL

MEMÓRIA Diane Capone segura foto do avô com o pai Sonny

O MISTÉRIO DOS NEANDERTAIS

Pesquisa em câmara fechada há 40 mil anos revela mais características sobre a espécie humanoide e muda a percepção de que eram apenas trogloditas violentos

André Lachini

Após ficar fechada por mais de 40 mil anos, uma câmara a 13 metros de profundidade na caverna Vanguard, na ilha de Gibraltar, território britânico no Sul da Espanha, foi descoberta por arqueólogos do Museu Nacional da localidade. O achado lança novas luzes sobre quem eram os neandertais e quais eram os hábitos desta espécie de humanos que, durante dezenas de milhares de anos, conviveu com o *Homo sapiens*. Já se sabe que eles realizavam pinturas rupestres em cavernas, tinham rituais religiosos – inclusive, de sepultamento – e em parte foram até nossos antepassados, pois uma pequena parte do DNA deles foi transmitida ao homem moderno na Eurásia. A espécie não viveu na África e nas Américas.

"Nós sabemos que os neandertais viveram na caverna Vanguard há 127 mil anos. Há 40 mil anos, a câmara que descobrimos foi fechada por sedimentos. Foi a última vez que humanos entraram nela, até que nós entramos", diz Clive Finlayson, diretor e cientista-chefe do Museu Nacional. Finlayson comenta que o avanço das pesquisas arqueológicas sobre os neandertais está mudando a percepção errada que as pessoas têm sobre a espécie, a de que eram trogloditas violentos. "Eles eram humanos inteligentes. Em Gibraltar encontramos o desenho riscado por eles no chão de uma caverna e também descobrimos que eles usavam penas de pássaros para fazer cocares", explica. Os arqueólogos descobriram que os antigos habitantes da caverna se alimentavam de plantas, peixes, moluscos marinhos e até golfinhos. "Lentamente, estamos mudando a imagem dos neandertais. O paradigma está avançando", diz Finlayson.

COVIL DE HIENAS

As proximidades da caverna Vanguard também eram habitadas, em determinados períodos, por animais selvagens, como hienas, linces e ursos – a Terra vivia a Era do Gelo e o clima era mais frio. A equipe fez uma descoberta macabra na câmara – o dente de leite de uma criança neandertal de quatro anos, possivelmente arrastado para lá por uma hiena. "Eram tempos muito duros", diz Finlayson. Segundo ele, o evento que fechou a câmara pode ter sido um terremoto. Por isso, a escavação poderá revelar outras câmaras e até mais cavernas. "É um trabalho muito emocionante", diz. Segundo ele, a descoberta da câmara pode levar a até décadas de trabalho arqueológico para que os artefatos e restos mortais – de neandertais e animais selvagens – sejam escavados e analisados. As pesquisas devem aumentar o conhecimento sobre a pré-história e as próprias origens da humanidade. ■

INCÓGNITA Cientistas descobriram nas escavações dente de leite de criança de 4 anos

"Lentamente estamos mudando a imagem dos neandertais. O paradigma está avançando"
Clive Finlayson, diretor do Museu Nacional de Gibraltar

 FOTOS: REPRODUÇÃO; DIVULGAÇÃO

AS VOLTAS QUE A MINISSAIA DÁ

Peça que escandalizou os puritanos ganhou diversos formatos e tamanhos ao longo das décadas. No pós-pandemia, chegou a vez das microssaias

Taísa Szabatura

O desnudamento das pernas femininas fez seu retorno triunfal no último verão europeu e nas principais passarelas do mundo. Quando o assunto é minissaia, quase tudo é possível: desde a conservadora, quatro dedos acima do joelho, até aquela que esconde pouco mais que um cinto. Sua criadora, a estilista britânica Mary Quant, diz que pegou uma tesoura e cortou "15 centímetros de saia", revolucionando o vestuário da época. Se na última década a tendência privilegiou as chamadas saias "midi" — levemente abaixo dos joelhos -, passarelas da Chanel, Prada, Miu Miu e Balmain trazem agora novos ares. Depois de momentos de repressão, ou quarentena, a ousadia da minissaia costuma reaparecer. Seguindo o conceito dos anos 1960 — de Twiggy, Jane Birkin e Brigitte Bardot — combinado com o dos anos 2000 — de Gisele Bundchen, Britney Spears e Sandy —, as saias da temporada 2021/2022 serão micro. No caso da francesa Chanel *(à esq.)* isso não significaque serão vulgares. A década de 1980 trouxe a rebeldia do rock e das feministas: as minissaias ganharam acessórios como meias arrastão e leggings, usadas por baixo das peças. Como fez a cantora Madonna, o importante era ir além da ousadia.

Usar uma microssaia a partir de agora também significa, principalmente em um país como o Brasil, um ato de coragem contra o assédio. Em diferentes modelos, seja de cintura alta ou baixa, ela pode ser usada por todas. A diretora criativa da Prada e da Miu Miu, Miuccia Prada, afirmou após seu desfile em Paris que seu desejo era trazer a sensualidade para o dia a dia. "Estou interessada em objetos do cotidiano, quero dar valor às coisas que normalmente passam despercebidas", afirmou. ■

ANO 2021

ANOS 60

ANOS 80

ANO 2000

OUSADIA
Em quase 60 anos de existência, as minissaias sobem e descem conforme a vontade feminina: a atriz Jane Birkin *(no alto)*, musa de Serge Gainsbourg, a cantora Madonna (no centro) e a modelo Gisele Bündchen *(à dir.)* consagraram a peça

FOTOS: LUCAS BARIOULET/AFP; MARIO SURIANI/AP PHOTO; REPRODUÇÃO; SHANE GRITZINGER/GETTYIMAGES

por Taísa Szabatura

Gente

LUCAS LUCCO QUER CONTROLE TOTAL

Aos 30 anos, o cantor mineiro Lucas Lucco já é um veterano. Foi modelo, office-boy, vendedor, crossfiteiro e youtuber — isso até ser descoberto por uma grande gravadora, que lhe ofereceu o contrato em 2013 após assistir ao video de uma composição sua, "Amor Bipolar". Hoje, com diversos sucessos no currículo, Lucco deseja ter controle total sobre sua música. Na negociação com a Sony Music, o artista teria desembolsado milhões de reais para encerrar a parceria profissional de forma amigável. Futuro dono de suas obras, o que Lucco planeja para a próxima fase? Por enquanto, o cantor divulga o lançamento do DVD "Rolê Diferenciado" e diverte os 17 milhões de seguidores nas redes sociais com mensagens de duplo sentido e fotos do seu corpo sarado. Sobram holofotes até para a mãe do rapaz: aos 45 anos, Karina Lucco segue a rotina rígida de exercícios do filho, com direito a imagens na academia e de biquíni - o que já rendeu a ela mais de 240 mil seguidores. Essa família Lucco nasceu mesmo para brilhar.

Motivo de orgulho para o cantor Seal

Não é de hoje que **Leni Klum**, filha da modelo alemã Heidi Klum, segue os passos profissionais da mãe, de quem parece uma irmã mais nova. Dessa vez, porém, ela brilhou como coadjuvante do pai adotivo, o cantor Seal. Aos 17 anos, a jovem foi o destaque da pré-estreia de "The Harder They Fall", drama dirigido pelo irmão de Seal, Jaymes Samuel. Como toda adolescente, Leni não esconde seu gosto por roupas ousadas. Não apenas no tapete vermelho e nas passarelas, mas também em sua vida pessoal — hábito que enlouquece os *paparazzi*. Filha biológica de Flavio Briatore, empresário italiano da Fórmula 1, Leni nasceu quando Heidi e Seal já estavam em um relacionamento, por isso Seal acabou adotando a menina. No evento, o cantor disse que estarem juntos ali era "um dos momentos de maior orgulho" de sua vida.

FOTOS: MARINA SAMPAIO/DIVULGAÇÃO; ALLAN ZEPEDA; REPRODUÇÃO/INSTAGRAM; JOEL C. RYAN/AP PHOTO

O casamento veio a galope

Quem pensou que o casamento da filha mais velha dos bilionários Bill e Melinda Gates seria um exagero de ostentação, enganou-se. A festa de **Jennifer Gates** teve muita elegância e vestido de grife, claro. A noiva, porém, dispensou extravagâncias e diamantes gigantes. Aos 25 anos, ela se casou com o campeão de hipismo Nayel Nassar, de 30. Os dois se conheceram no circuito equestre da universidade de Stanford e chegaram a competir juntos — até ela passar a se dedicar totalmente à faculdade de Medicina.

50 tons de amor

Ao chamar os rapazes do "BTS" para uma colaboração, a banda Coldplay e seu vocalista, Chris Martin, sabiam que tinham um sucesso em mãos. O hit "My Universe" já é uma das músicas mais tocadas em todo o mundo. A batida pop-rock rendeu também uma boa oportunidade a Martin: durante um show do grupo em Londres, ele fez a namorada, a atriz **Dakota Johnson**, se emocionar: "Essa música é sobre o meu universo. E ele está aqui. Você é o meu universo e só quero te colocar em primeiro lugar". Juntos há quatro anos, o roqueiro e a atriz de "Cinquenta Tons de Cinza" só têm um desafio: fugir dos rumores dos tablóides, que vão desde gravidez até o fim do relacionamento.

É hora da manicure

O ator **José Loretto** sempre se derreteu pela filha Bella, de três anos, fruto do casamento com a atriz Débora Nascimento. Como a menina está em uma fase em que adora o brilho e as princesas, Loretto decidiu homenagear a garota de uma forma diferente : "Não pinto as unhas para entrar no universo encantado, eu pinto porque acho que fico lindão", escreveu, ao publicar o resultado.

O PAPEL DE GRAZI

Para tudo há uma primeira vez: para a atriz **Grazi Massafera**, a novidade foi ter participado de um videoclipe. O convite veio do Padre Fábio de Melo, o religioso mais pop do Brasil. Grazi foi além da mera atuação: emprestou até a própria casa para a gravação de "Retrovisor", canção que conta também com a participação de Ivete Sangalo. No vídeo, Grazi faz papel de um "amor que ficou na memória". Seria um mero reflexo no espelho ou uma lembrança para se guardar na estante? O que será que o ex da atriz, o ator Caio Castro, pensa disso?

UM DRIBLE na crise

Estado de São Paulo registra a abertura formal de 800 mil negócios no primeiro semestre, com procura intensa pelos serviços do Sebrae

Sérgio Velera

REALIZADA Após ficar desempregada, Amanda Lima Nascimento abriu salão de estilização de cabelos em Paraisópolis, em São Paulo, e ganha dez vezes mais do que no antigo emprego

Quando os primeiros casos de Covid-19 chegaram ao Brasil, em março de 2020, a então estudante Amanda Lima Nascimento, com 17 anos, estava animada com o trabalho de atendente em um restaurante italiano que lhe assegurava um salário inicial de R$ 500, como jovem-aprendiz. Moradora da comunidade de Paraisópolis, em São Paulo, entregava metade da remuneração para a mãe e, assim, contribuía com as despesas de casa. Mas, com o fechamento de bares e restaurantes a partir da necessidade do isolamento social, veio o baque. Foi dispensada do trabalho e se viu obrigada a pensar em alternativas para garantir parte da renda familiar.

Diante da dificuldade, Amanda resolveu dar um passo importante em abril deste ano: abriu seu próprio negócio, com tudo formalizado, a partir de um dom que já tinha, mas que ainda não lhe rendia retorno financeiro. Hoje com 19 anos, tem um pequeno salão para produzir tranças e penteados em suas clientes, na mesma comunidade em que mora, e já consegue uma renda perto de R$ 5 mil, dez vezes mais do que ganhava

FOTOS: ARQUIVO PESSOAL; DIVULGAÇÃO

no restaurante. Ela é uma entre os 800 mil empreendedores de São Paulo que se formalizaram de janeiro e junho deste ano para desenvolver um trabalho próprio. "Mudou completamente minha vida. Sinto-me realizada", disse Amanda, que agora já pensa em voos mais altos. "Quero ter meu salão em espaço próprio, sem pagar aluguel, e abrir outras unidades", afirmou a empreendedora, que também já dá cursos para quem quer virar hair stylist.

> **"A cidade de São Paulo está com uma velocidade ainda maior no ritmo de formalizações"**
> **Wilson Poit**, diretor-superintendentedo Sebrae-SP

Para o diretor-superintendente do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de São Paulo (Sebrae-SP), Wilson Poit, o grande número de pessoas empreendendo é positivo, ante um cenário de 14,1% de desemprego, com 14,4 milhões de brasileiros sem trabalho, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). "Apesar de termos muitas histórias tristes, de gente que está sobrevivendo, mas endividado, temos uma coleção de histórias incríveis", disse. "O segredo é descobrir onde está o consumidor agora. O modelo híbrido veio para ficar."

INVESTIMENTOS EM DIGITALIZAÇÃO

A perspectiva do dirigente é de que, a partir do resultado alcançado nos primeiros seis meses do ano, o Estado de São Paulo feche 2021 com 1,5 milhão de novos pequenos negócios. O desempenho registrado no território paulista representa pouco mais de um terço das 2,1 milhões de micro e pequenas empresas abertas no Brasil no primeiro semestre. Poit acredita que o País deverá fechar 2021 com 4 milhões de novos empreendedores formais dessse tipo. "São Paulo está com uma velocidade ainda maior no ritmo de formalizações. No ano que vem, o Sebrae vai completar 50 anos e o órgão nunca foi tão demandado como agora", afirmou o diretor, ao recomentar os serviços gratuitos da instituição, que já estão sendo oferecidos presencialmente. "A taxa de sobrevivência é muito maior para quem nos procura. Os empreendedores, por necessidade, precisam muito da gente." Em setembro, o Sebrae-SP realizou 14,5 mil atendimentos por dia, em média. Além de abrir seu negócio, Amanda Nascimento também fez curso de especialização de gestão oferecido pela entidade.

Para acelerar ainda mais a abertura de empresa e desburocratizar o processo, o Sebrae-SP fez parceria com a Junta Comercial de São Paulo (Jucesp), em abril. São R$ 7 milhões de investimentos para digitalizar dois projetos. Um deles visa melhorias na plataforma Balcão Único, de análise automática das solicitações de abertura. A ferramenta era usada desde janeiro apenas na capital paulista e agora está sendo disponibilizada para outros municípios do Estado. Desde sua implantação foram constituídos 3.630 negóocios, sendo 71% do tipo sociedade limitada, com média de tempo para a abertura de 32 minutos e 2 segundos. O outro projeto é desenvolver o Banco de Dados Mestre, para coletar e agregar todos os dados obtidos na ocasião da constituição da empresa. Com estímulo ao empreendedorismo, o Brasil vai driblando a crise. ■

Deixem a Rainha beber

Aos 95 anos, Elizabeth II é aconselhada pelos médicos a parar de tomar drinques diários. Ela usa até um túnel que liga o Palácio de Saint James ao Duke's Bar

André Lachini

Preocupados em preservar a longevidade da rainha Elizabeth II, que deve comemorar em 2022 o Jubileu de Platina, os médicos pediram à monarca britânica que corte o seu Dry Martini diário. Não se sabe se a rainha seguirá o conselho, mas o temperamento de Elizabeth II indica que não. A rainha, de 95 anos, bebe um copo de vinho branco no jantar e entre três e quatro doses diárias de Dry Martini. A recomendação médica gerou polêmica no Reino Unido, com muita gente manifestando a opinião de que a rainha deveria beber quanto quisesse. A polêmica é saborosa porque a rainha nonagenária é conhecida pela jovialidade. Na semana passada, ela recusou um prêmio de uma revista voltada para o público idoso, ao dizer que se sente jovem. No dia 20, obedeceu contrariada ao conselho dos médicos para cancelar uma visita oficial à Irlanda do Norte e ficou descansando no palácio de Buckingham. Os contratempos acontecem às vésperas da comemoração dos 70 anos de reinado no próximo ano, que envolverá uma série de compromissos para Elizabeth II e outros membros da monarquia mais antiga da Europa.

POLÊMICA Segundo médicos, a rainha estaria bebendo acima do recomendado

Além do Dry Martini, Elizabeth II gosta de beber gim com Dubonnet, um aperitivo francês. Médicos em Londres disseram que a rainha não bebe apenas um Dry Martini por dia, mas "três ou quatro". A rainha aprendeu a misturar gim com Dubonnet com sua mãe, a "Rainha-mãe" Elizabeth Bowes-Lyon, que mor-

FOTOS: ISTOCKPHOTO; JASON REED/REUTERS/FOTOARENA; GIUSEPPE MASCI/AGF/PHOTONONSTOP VIA AFP

reu em 2002 aos 101 anos de idade. "A mãe da rainha começava o seu dia com uma dose de Dubonnet com gim antes do almoço. Na refeição, bebia vinho. No final da tarde, tomava uma dose de Martini. Após o jantar, bebia um copo de champagne, e seu ritual nunca mudou", disse Margareth Rhodes, sobrinha e dama de companhia de Elizabeth Bowes-Lyon, ao historiador inglês Adrian Tinniswood. A mistura de gim com Dubonnet era composta de 70% do destilado inglês com 30% da bebida francesa. Isto porque o gim possui entre 37% e 50% de teor alcoólico, enquanto o fermentado francês, feito a partir do vinho, tem 14,8%.

Tinniswood escreveu um livro sobre os hábitos domésticos da realeza britânica: "Atrás do Trono: uma História Doméstica da Monarquia". Seu livro cobre cinco séculos da história familiar. Beber é um hábito antigo na Família Real britânica. O rei James I morreu aos 58 anos, em 1625, possivelmente devido ao consumo excessivo de álcool. "A polêmica começou porque a quantidade de bebida que a rainha consome por dia é superior à recomendada pelo governo britânico para os cidadãos", comenta Victor Missiato, professor de história no Colégio Mackenzie em Brasília. Ele nota que o gim da rainha, contudo, é de alta qualidade e artesanal - diferente da bebida industrializada geralmente vendida nos bares e varejo.

INDISCRIÇÕES

Revelações indiscretas foram feitas aos tabloides britânicos. A principal foi a de Jack Brooksbank, marido da princesa Eugenie, neta da monarca. Brooksbank revelou ao jornal "Daily Mail" que existe um túnel entre o Palácio de Saint James e o Duke's Bar, um dos mais tradicionais de Londres. A rainha usaria o túnel para ir ao Duke's e beber seus Dry Martinis. O bar fica praticamente ao lado do Palácio de Saint James, o mais antigo da capital inglesa, construído por Henrique VIII em 1530 e ainda em uso pela Família Real. Brooksbank é atacadista de bebidas.

AS PREFERIDAS DE ELIZABETH II

Entre as bebidas, não falta o gim, destilado tradicional inglês

Dry Martini
Drinque predileto da monarca. Foi possivelmente inventado em 1910 nos EUA, mas tornou-se popular no Reino Unido

Sandringham
Gim feito com 14 ervas dos jardins do palácio de Sandringham, propriedade da monarca britânica. Gradação: 43%

Buckingham Palace
Gim mais "popular" feito com ingredientes e ervas do jardim do palácio londrino

Vinho branco
A rainha prefere vinho branco - geralmente da Alsácia (França) - ao tinto

Dubonnet
Aperitivo francês feito a partir do vinho, tem gradação alcóolica de 14,8%

ESCAPADA O Duke`s Bar, ao lado do Palácio de Saint James: visitas reais

A atual dinastia, os Windsor, é conhecida não só por beber, mas por produzir a própria bebida. A Família Real possui propriedades na Irlanda do Norte, onde é produzido o gim Hillsborough. Já Elizabeth II lançou em 2020 o seu gim, o Sandringham, feito com 14 plantas diferentes colhidas nos jardins do seu palácio de inverno. Sandringham fica no Leste da Inglaterra e a rainha herdou a propriedade do seu pai, o rei Jorge VI. O curioso é que existe todo um marketing que ressalta o fato de o gim ser produzido nas propriedades da monarca - a renda obtida com a produção e venda não é informada, mas uma garrafa de Sandringham custa 60 libras (R$ 460). A monarca também lançou a cerveja Sandringham. Um gim real mais "popular" é o Buckingham Palace, feito com ervas do jardim do maior palácio londrino. Cada garrafa custa 40 libras. Até o príncipe Charles possui a sua marca de gim, a Highgrove. "O príncipe Charles produz o gim com zimbro, frutas cítricas e ervas da sua propriedade em Gloucester. O dinheiro vai para um fundo de caridade do Príncipe de Gales", diz Missiato.

"Se ela bebe três ou quatro doses por dia e isso não afeta a vida dela, tudo bem. Sempre depende do metabolismo da pessoa, cada caso é um caso e não se pode generalizar", diz o doutor José Mauro Braz de Lima, médico e professor de UFRJ. Coordenador do Programa de Álcool e Drogas da UFRJ, ele comenta que é preciso trazer o bom senso para a discussão. Ele lembra que o problema do consumo do álcool, como de qualquer substância psicoativa, é o abuso. "Todo uso excessivo é de risco. Mas não acredito que seja o caso da rainha, que aos 95 anos tem uma vida ativa e cumpre os seus compromissos", observa. ■

Cultura

MÚSICA **por Felipe Machado**

Caetanea

O que se passa na cabeça de Caetano Veloso? "Meu Coco", seu primeiro álbum de

Com o passar dos anos, é comum ver personalidades curtindo a aposentadoria e vivendo do sucesso do passado. Mas quem disse que Caetano Veloso é comum? Aos 79 anos, o compositor baiano acaba de vencer mais uma vez o maior desafio de um artista, em qualquer idade ou época: manter-se relevante.

Na freudiana canção que batiza seu novo álbum, "Meu Coco", Caetano se questiona: "João Gilberto falou/ E no meu coco ficou / Quem é, quem és e quem sou?". Já no texto de apresentação, anuncia com falsa humildade: "sinto que já fiz canções demais". Nem questionamentos, nem modéstia exagerada: uma música nova de Caetano é sempre uma bela surpresa - uma coleção com doze delas, então, é uma dádiva. Seu novo disco, "Meu Coco", é uma obra híbrida que combina a modernidade ("Não Vou Deixar", "Anjos Tronchos") com canções que remetem ao passado ("Sem Samba Não Dá", "Pardo"). Há lugar até para um fado, "Você-Você", com participação da portuguesa Carminho e bandolim de Hamilton de Holanda. No geral, a sonoridade se aproxima de "Abraçaço", seu álbum mais recente, de 2012. A diferença é que traz mais timbres eletrônicos, provável solução encontrada pelo produtor Lucas Nunes para superar as dificuldades de gravar um disco em um estúdio caseiro. Em termos de arranjos, há, novamente, a marca registrada do guitarrista Fábio Sá, parceiro constante de Caetano desde 2006, quando gravou "Cê" e se tornou o principal responsável pela sonoridade contemporânea do compositor baiano desde então.

As letras de "Meu Coco" são afiadas, como Caetano sempre é. Formam intrincados mosaicos de ideias, poemas pós-modernos cujas palavras se enroscam entre si e dão à luz labirintos semânticos. Há desde os cânticos indígenas de "Gilgal" ("Ele me ensinou / O sentido do som / E eu quis ensinar / O sem som do sentido") a uma canção de ninar para seu neto Benjamim, "Autocalanto" ("O que é mesmo que isso me ensina / Um ser que si mesmo se nina?"). Uma curiosidade que permeia quase todas as canções é a série de homenagena a outros artistas, de Nara Leão a Elis Regina, de Djavan a Jorge Ben. São, ao todo, dezenas de citações. Caetano explica: "Nomes são uma constante em meu trabalho e agora voltaram a ser o centro da conversa. Daí vieram 'Enzo Gabriel', 'Gilgal' e a lista de 'Sem Samba não dá'. Adoro nomes", afirma o músico à ISTOÉ.

Para Caetano, cada faixa do novo álbum tem vida e personalidade próprias. "Esse é um disco de quantidade e intensidade", define. Entre tantos acertos, há algo em que Caetano errou. Definitivamente, ele não fez canções demais. Pelo contrário: é sempre bom ouvir o que sai do seu coco.

LANÇAMENTO "Meu Coco", de Caetano Veloso: álbum clássico e inovador

ENTREVISTA | CAETANO VELOSO

“QUIS FAZER ALGO QUE SOASSE LIVRE E NOVO”

Você sente mesmo “que já fez canções demais”? Por que então lançar agora o álbum de inéditas “Meu Coco”?
Não percebi que se passaram nove anos. Fiz outras coisas. Com colegas, com meus filhos. De fato acho que fiz canções demais ao longo das décadas. E vejo falta de rigor. Senti necessidade quase física de ter um disco com músicas inéditas, principalmente após compor a canção “Meu Coco”.
O álbum soa híbrido, inovador e clássico ao mesmo tempo. É uma metáfora para o que acontece no “seu coco”?
Quis fazer algo que soasse livre e novo. Pesquisei timbres e conversei muito com meu filho Zeca, meu conselheiro. A vontade de ser original dominava no início do projeto, antes da pandemia. Após um ano, com uma travada na composição nos primeiros meses, pode-se dizer que a beleza clássica ficou mesmo disputando espaço com a experimentação.
A letra de “Anjos Tronchos” aborda a tecnologia de forma crítica. Esse mundo digital te interessa?
Sinceramente, não. Ou muito pouco. A equipe que trata do meu conteúdo na internet é composta por gente de quem gosto. Sempre me mostram ou dizem para eu aprovar as postagens. Eu nem vejo redes sociais.
Como combater as “fake news” sem cair na censura?
Difícil saber, mas algo tem de ser feito. Alguma regulação sábia tem de aparecer.
Em “Anjos Tronchos”, os versos citam “palhaços líderes brotaram macabros”. É referência aos Trumps, Bolsonaros e Erdogans da atualidade? Onde o mundo errou?
O mundo nunca parou de errar. Aprenderá? Vejo essa direita ruidosa falar pelos conservadores (que eram a “maioria silenciosa”) como se isso fosse um sintoma de fraqueza. O que não diminui o grau de risco que há no fenômeno. Só sinto que isso não vai dar numa vitória estável do conservadorismo.
“Sem Samba Não Dá” resgata a tradição do estilo. É possível subverter o samba ou ele é definitivo, perfeito?
Não vejo assim. Fiz o samba para Pretinho da Serrinha, que tinha me perguntado se no novo disco não haveria um samba pra ele tocar. Mas fui direto para as proximidades do sambanejo e do pagode pós-moderno. Acordeon, tom alto, modulações harmônicas surpreendentes sob melodia de intervalos repetidos, até cair num refrão bem tradicional, quase samba-de-roda, raiz.
Como vê as plataformas digitais, onde apenas os artistas com bilhões de visualizações ganham dinheiro?
Ouvi dizer que a cada sexta-feira sai um número enorme de gravações. Autores não ganham quase nada. É um mundo diferente, que precisa ser domesticado, regulado. Difícil. Mas muitos dizem que o rádio, quando apareceu, também causou sensação semelhante. A ver.
A cultura vive um grande desmonte no País. O Brasil vai sobreviver ao governo Bolsonaro?
Talvez os esforços de reconstrução - ou de nova construção - da cultura sejam demorados. Destruir é mais rápido do que construir. Mas acho que o Brasil não é tão desalmado assim. É muita potência estética para ser destruída pela mediocridade e pela ignorância. Mesmo que alguns dos bons músicos tenham votado em Bolsonaro ou se mantenham hipnotizados pela sua confusão. ■

mente

A resposta está no belo e contundente canções inéditas em nove anos

FOTOS: FERNANDO YOUNG; DIVULGAÇÃO

Cultura/**Livros**

Cotidiano e gente humilde

"Anos de Chumbo", estreia de **Chico Buarque** como contista, traz personagens da periferia carioca em narrativas curtas e repletas de ironia

Felipe Machado

O escritor argentino Julio Cortázar definia o conto como um "ciclo de texto perfeito e implacável, que começa e termina como uma esfera". O conceito se aplica a "Anos de Chumbo e Outros Contos", primeira incursão de Chico Buarque pelo gênero. Em oito pequenas e perfeitas esferas, o artista narra episódios urbanos ambientados no Rio de Janeiro, onde seus personagens compartilham um micro-universo decadente e sem esperança.

Em textos ágeis e contundentes, Chico desfila uma lingugem simples e personagens que parecem não compreender bem os casos que narram – ou, pior, acreditam que tais episódios são fatos inevitáveis da vida. "Meu Tio" apresenta uma garota prostituída pela família para agradar o tio, um miliciano que atropela pedestres e ameaça gente na praia. Em "Os Primos de Campos", um adolescente se vê obrigado a fugir após ter familiares perseguidos, novamente, por milicianos. "Cida" conta a história de uma moradora de rua do Leblon, que dorme sobre um banco de cimento e faz suas necessidades no canal. Em "Copacabana", um homem sonha com os tempos de ouro do bairro. "Anos de Chumbo" tem também resquícios de autoritarismo: nesse caso, o autor se vinga de repressores da ditadura militar, tema que inspirou muitas de suas canções.

MÚSICO E ESCRITOR
Chico Buarque: como sempre, há um toque autobiográfico

Os outros contos flertam com tons autobiográficos, característica usada no romance "O Irmão Alemão", de 2014. "O Passaporte", em que um "grande artista" perde o documento, é inspirado em uma história real – isso aconteceu com Chico quando ele estava em cima da hora do embarque para Paris. "Para Clarice Lispector, com Candura", sobre o encontro de um jovem poeta com a escritora, também tem traços verídicos: Chico foi entrevistado por ela nos anos 1960. Em "O Sítio", um homem deixa o Rio de Janeiro para "escapar da peste", o que o autor também fez no início da pandemia.

Com o novo livro, Chico mostra que é possível aliar com maestria a atividade de romancista e contista – e ainda compor. Entre "O Irmão Alemão" e "Essa Gente", de 2019, ele lançou o elogiado álbum "Caravanas", em 2017. Após "Anos de Chumbo", resta saber se seu próximo lampejo criativo será musical ou literário. Em ambos os casos, sairemos ganhando. ■

LANÇAMENTO

"Anos de Chumbo e Outros Contos"
Chico Buarque
Companhia das Letras
Preço: R$ 59

FOTOS: BOB WOLFENSON; DIVULGAÇÃO

Uma dinastia DOS PALCOS

FORÇA E TALENTO
TAP: elenco reúne dezenas de apaixonados pelas artes cênicas

Criado pelo ator Valdemar de Oliveira, o **Teatro de Amadores de Pernambuco** (TAP) **celebra 80 anos** em plena vitalidade artística. Com as restrições da pandemia, no entanto, o grupo mais antigo em atividade no País **lança campanha** para conseguir manter-se na ativa

Felipe Machado

Dramas familiares são tão antigos quanto o próprio teatro. De Sófocles a Nelson Rodrigues, passando por William Shakespeare, a relação entre pessoas do mesmo clã já rendeu clássicos eternizados por atores e companhias em todo o mundo. Em Recife, capital de Pernambuco, a saga da dinastia Oliveira acontece tanto nos palcos quanto fora deles. É uma história que se confunde com a trajetória das artes cênicas na região. Idealizado pelo ator Valdemar Oliveira, o Teatro de Amadores de Pernambuco (TAP) comemora seus 80 anos em 2021 e se consagra como a mais antiga trupe ainda em atividade no País.

O TAP nasceu sob influência do Grupo Gente Nossa, criado nos anos 1930 por Samuel Campêlo. Após a sua morte, o médico Valdemar de Oliveira assumiu o elenco e anunciou a primeira peça sob nova direção: "Knock ou o Triunfo da Medicina", de Jules Romains. Era 4 de abril de 1941: no palco do "Nosso Teatro" nascia oficialmente um grupo de atores amadores que mudaria os rumos do gênero no Brasil. Anos mais tarde, essa revolução se consolidaria com o Teatro Brasileiro de Comédia (TBC), o Arena e o Oficina. Em 1977, com a morte de Valdemar Oliveira, o "Nosso Teatro" foi rebatizado em sua homenagem.

FOTOS: DIVULGAÇÃO; REPRODUÇÃO

Como companhia mais relevante do Nordeste, o TAP atraiu alguns dos maiores dramaturgos e atores, entre eles Zbigniew Ziembinski, Jorge Kossowski, Hermilo Borba Filho e Bibi Ferreira. Com convites para se apresentar em todo o Brasil, caíram na estrada e encenaram espetáculos do Acre ao Rio Grande do Sul. Nas apresentações, o sucesso era garantido graças às premiadas atuações de Valdemar, mas também de Reinaldo Oliveira, seu filho e atual presidente do TAP, e de Geninha da Rosa Borges, cofundadora do grupo e grande dama das artes cênicas pernambucanas.

As dificuldades para gerir o "Teatro Valdemar Oliveira" e uma equipe de mais de 30 pessoas surgiram bem antes da pandemia. Em 1980, o local foi quase destruído por um incêndio. Hoje, os problemas são outros. O diretor artístico Pedro Oliveira, responsável por elaborar o plano para manter o grupo ativo, foi um dos criadores da campanha "Dê a mão ao TAP", buscando doações para ajudar a bancar a trupe. Com a pandemia e a ausência do público presencial - além de dois assaltos, que pioraram a situação -, os atores apostaram em uma estratégia inevitável: o teatro online, com peças filmadas e exibidas pela internet. "Tivemos de nos reinventar: renovamos o elenco, criamos um canal no Youtube e lançamos a campanha para mobilizar a população, empresários e a classe artística", afirma Pedro.

Desde 2020, o TAP realizou algumas lives: encenou uma peça em homenagem a Geninha da Rosa Borges, uma festa junina virtual, com Terezinha do Acordeon, e o espetáculo virtual "Leão do Norte", com participação do cantor Lenine. Aproveitaram o período sem público para organizar seu acervo histórico, tarefa que ficou a cargo da pesquisadora Yêda Bezerra de Mello. São dezenas de cartazes de peças, roteiros e objetos que fazem parte não apenas do teatro pernambucano, mas, também, do patrimônio cultural brasileiro.

A atriz Fernanda Montenegro guarda "lembranças poderosas" do TAP desde os anos 1950: "Completar 80 anos é um milagre e uma força de coragem cultural. Os grupos acabaram, se modificaram e viraram profissionais, mas vocês, não", afirmou Fernanda, em mensagem enviada ao elenco. "Respeito e tiro o chapéu para a arte pernambucana. O TAP faz parte desse eterno movimento de sobrevivência. Em uma hora tão difícil como essa, que estão destituindo a nossa cultura, sinto muita emoção e alegria com essas oito décadas. Minha memória volta ao início desse movimento lindo, do qual eu também participei. Guardo uma memória carinhosa da família Oliveira."

"Tivemos de nos reinventar: renovamos o elenco, criamos um canal no Youtube e lançamos a campanha para mobilizar a população, empresários e a classe artística"

Pedro Oliveira, diretor artístico do TAP

MODERNISMO "O Leque de Lady Windermer", de Oscar Wilde: montagem de 1943

CLÁSSICOS Grupo adaptou obras como "Arsênico e Alfazema", de Albert Kesselring

As comemorações da data começaram com a live "Nós, Voz, Elis", em homenagem à cantora Elis Regina, e seguem com "Bibi - Em Casa de Ferreira, Espírito de Palco". Ao viver comédias e tragédias, o Teatro de Amadores de Pernambuco é a prova maior de que um ato vem sempre depois deoutro - e que é preciso se reinventar a cada um deles. ■

por Mentor Neto

Escritor e cronista

UM CHURRASCO CHEIO DE EMOÇÃO

Domingo passado foi comemorado o aniversário da mais jovem dos Bolsonaros.

Como a imprensa divulgou amplamente o evento, não pude me furtar a uma análise mais detalhada.

Laura comemorou seus 11 anos com a presença da nata bolsonarista de 8 à 80.

A comezaina, já tradicional nas festas da primeira família, se constituiu de um churrasco, comandado pelo senhor Joas do Prado Pereira, o Tchê, velho conhecido da família Bolsonaro.

Tchê é uma das provas de que o presidente mudou muito nestes últimos anos.

Aquele homem simples, que tomava café da manhã se empapuçando de pão com leite condensado, hoje demonstra ter desenvolvido um paladar requintado.

Como tal, não se satisfaz com qualquer assado.

Foi a segunda vez, este ano, que o presidente se deliciou com cortes de picanha wagyu, cujo quilo está registrado em R$ 1.799,99 de acordo com o cardápio do chef Tchê.

A última vez que o presidente contratou os serviços do "churrasqueiro dos artistas", outra alcunha do sr. Joas, foi em maio.

Naquela oportunidade, Tchê publicou, em suas redes sociais, uma foto da picanha wagyu ainda embalada com a marca do Frigorífico Goias e uma singela caricatura do presidente no alto do pacote à esquerda.

A foto causou dupla polêmica.

Primeiro porque a Associação Brasileira dos Criadores de Bovinos das Raças Wagyu informou que o Frigorífico Goiás não estava certificado para a comercialização de tal carne. Enganar sobre a qualidade da picanha servida ao presidente deveria ser crime inafiançável.

Segundo porque não é de bom tom que o presidente faça merchandising de carne de churrasco, não é verdade? Permite até que uma gente de caráter duvidoso suponha que o mandatário poderia estar ganhando um troco por fora, coisa inadmissível até para o baixo clero da política nacional.

Uma rápida pesquisa no site do Frigorífico Goias revela que a embalagem da picanha wagyu foi alterada e - apesar de, na foto, ainda não trazer nenhuma referência à certificação - também não ostenta mais a imagem do presidente para alívio geral dos caricaturistas da Nação.

Quem sabe até o próprio Tchê tenha mudado de fornecedor para a bambochata da Laurinha, isso nunca saberemos.

Essa análise orçamentária, admito, é injustiça de minha parte, ainda mais depois da inédita demonstração de sensibilidade que o presidente deu durante a Conferência Global 2021, evento organizado pela igreja Comunidade das Nações.

Em público, o presidente revelou que chora escondido no banheiro.

Segundo ele, nem mesmo a esposa Michelle sabe desta sua faceta.

Apesar da contundente e humana revelação, o presidente não revelou as razões.

Apesar da fraquejada, foi a segunda vez esse ano que o presidente se deliciou com cortes de picanha wagyu, cujo quilo custa R$ 1.799,99

Apenas informou que o choro não se refere a sua virilidade, visto que a primeira dama o considera "o machão dos machões".

Também não tem origem na pandemia, para a qual admitiu que fez uma boa gestão.

Considerando que o presidente nunca se manifestou a respeito da inflação estar fugindo ao controle do governo, também não deve ser esse o motivo.

Assim como não tem a ver, dado seu silêncio, ao fato do ministro da economia e o presidente do Banco Central se embaraçarem ao explicar que possuem offshores com contas em paraísos fiscais.

Nada sugere, também, que o choro presidencial esteja relacionado aos dados publicados pelo jornal Folha de São Paulo indicando que 20 milhões de brasileiros declaram passar 24 horas ou mais sem comer.

Resta suspeitar, pois, que a sobredose de emoção presidencial talvez tenha a ver com a proximidade da comemoração do aniversário de sua caçula.

Afinal, picanha a R$ 1.800, é de fazer chorar até o mais viril dos brasileiros.